

VERIDIANA CAETANO

**DISCURSO, TRABALHO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL:
A LINGUAGEM CIFRADA EM DIÁLOGO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Linha de pesquisa: Texto, Discurso e Relações Sociais

Orientadora: Profa. Dr. Maria da Glória Corrêa di Fanti

Pelotas

2009

VERIDIANA CAETANO

**DISCURSO, TRABALHO E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL:
A LINGUAGEM CIFRADA EM DIÁLOGO**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dr. Beatriz Fontana (UniRitter)

Prof. Dr. Adail Sobral (UCPel)

Profa. Dr. Maria da Glória Corrêa di Fanti – orientadora (UCPel)

DEDICATÓRIA

*Ao meu filho Pedro como prova de que os sonhos
podem ser realizados.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Maria da Glória, pelo incentivo, pela fibra, pela amizade, mas principalmente por acreditar que seria possível.

A todos os professores e professoras do Mestrado, que me fizeram crescer frente aos desafios que propunham, contribuindo expressivamente para o meu crescimento.

À professora Carmen Lúcia Matzenauer, coordenadora do Curso, pelo apoio em toda a caminhada do Mestrado, sempre solícita, pronta a uma palavra de carinho e de estímulo.

À minha turma, embora pequena, de grande qualidade.

À querida Val que sempre acreditou em meu potencial acadêmico.

Ao amigo Luiz Henrique (Hique) pela disponibilidade para discussões e o apoio incondicional durante esse tempo.

À amiga Ana Cláudia pelo apoio durante esta caminhada.

Às *monas* e *amapoas* que tão disponíveis compartilharam comigo suas trajetórias de vida e trabalho possibilitando que esse e outros estudos viessem à luz.

Ao meu marido, principal responsável por esta conquista e maior incentivador da minha jornada acadêmica, pois em nenhum momento duvidou que eu conseguiria.

Aos meus pais, Fernando e Luci, pois sem eles nada seria possível.

Por fim, agradeço a Deus.

Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto... Eu apertei meus olhos para ver cousas miúdas, cousas que escapam, ao maior número, cousas de míopes. A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam. (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.147)

RESUMO

Partindo de pressupostos que articulam estudos sobre o trabalho (Schwartz e Durrive, 2007; Nouroudine, 2002), estudos culturais (Hall, 2006; Bauman, 2001, 2005) e a teoria dialógica do discurso (Bakhtin, 1997, 1998, 2003; Bakhtin/Volochinov, 2006), esta pesquisa tem como objetivo geral analisar práticas discursivas de trabalhadores de um salão de beleza localizado na cidade do Rio Grande (RS), que, em alguns momentos, utilizam uma linguagem cifrada durante suas atividades profissionais, observando características da construção de identidades homossexuais e de seu trabalho. Como objetivos específicos, visa a (i) verificar a interação entre trabalhadores heterossexuais e homossexuais em práticas discursivas do trabalho, (ii) analisar como ocorrem essas práticas discursivas em situação de trabalho de homossexuais masculinos e (iii) apreender aspectos discursivos da constituição da identidade dos sujeitos homossexuais masculinos nessas situações de trabalho. Para o desenvolvimento dos objetivos, foram observadas e gravadas interações com três cabeleireiros no salão de beleza e posteriormente foram realizadas entrevistas com os profissionais em foco. Constatou-se, a partir da análise efetuada, que a linguagem cifrada se apresenta como pista da constituição identitária homossexual dos cabeleireiros pesquisados que em diferentes momentos procuram não ser compreendidos por determinados sujeitos que os cercam. Tal constatação permitiu observar também que a atividade de trabalho dos cabeleireiros é bastante dinâmica e engendra a linguagem *como, no* e *sobre* o trabalho, o que facilita a circulação de diferentes assuntos, como os mais íntimos, no ambiente de trabalho.

Palavras-chave: linguagem cifrada, homossexualidade, abordagem dialógica, questões identitárias, atividade de trabalho

ABSTRACT

This research aims at analyzing the discursive practices used by workers who, sometimes, use ciphred language in their professional activities while keeping characteristics of the construction of homosexual identities and of their work in a hair salon located in Rio Grande, RS. It is based on studies of work (Schwartz and Durrive, 2007; Nouroudine, 2002), on cultural studies (Hall, 2006; Bauman, 2001, 2005), and on the dialogical theory of discourse (Bakhtin, 1997, 1998, 2003; Bakhtin/Volochinov, 2006). The specific objectives of this study are the following: (i) to verify the interaction among heterosexuals and homosexuals in discursive practices at work; (ii) to analyze how discursive practices happen in male homosexuals' work; (iii) to understand discursive aspects of the identity constitution of male homosexuals in work situations. I observed and recorded interactions that occurred among three hairdressers in a hair salon, and interviewed them, afterwards. Based on the analysis which I carried out, I noticed that the ciphred language is a clue for the hairdressers' homosexual identity constitution; at times, they try not to be understood by other individuals who are around them. I also observed that the hairdressers' work activity is rather dynamic and comprises language as work, at work, and about work. Therefore, it enables different subjects, even the most intimate ones, to circulate in the work environment.

Key words: ciphred language; homosexuality; dialogical approach; identity issues; work activity

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 - Um homem e um menino trocando carícias, prática comum na sociedade Grega Fonte: (DOVER, 2007).....19**
- Figura 2 – Ilustração retrata a divisão histórica entre brincadeira de menino e brincadeira de menina22**

SUMÁRIO

REFLEXÕES INICIAIS	10
1 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA HOMOSSEXUALIDADE.....	18
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	32
2.1 ATIVIDADE DE TRABALHO	32
2.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE	36
2.3 ABORDAGEM DIALÓGICA DA LINGUAGEM	43
3 INTERAÇÃO, ATIVIDADE DE TRABALHO E CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA: EXERCÍCIO DE ANÁLISE.....	51
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	51
3.2 ANÁLISE DO MATERIAL.....	55
REFLEXÕES FINAIS.....	69
BIBLIOGRAFIA	73
ANEXOS.....	76
ANEXO A.....	77
ANEXO B.....	78
ANEXO C.....	79

REFLEXÕES INICIAIS

A curiosidade, instinto de complexidade infinita, leva por um lado a escutar atrás das portas e por outro a descobrir a América.

A epígrafe¹ – atribuída ao escritor português Eça de Queirós – demonstra o que impulsionou este estudo: a curiosidade. O dicionário Aurélio define curiosidade² como “sendo desejo de aprender, conhecer, investigar determinados assuntos; ou desejo irreprimível de conhecer os segredos, os negócios alheios; bisbilhotice, indiscrição e ainda informação que revela algo desconhecido e interessante”. Na área científica, por exemplo, não é diferente. A ciência, na busca de novas descobertas e respostas, não se limita apenas a um problema isolado como uma doença, mas também busca satisfazer a curiosidade inerente do ser humano: de onde vim? para onde vou? (provavelmente os mais primários questionamentos humanos), como sou? O que me leva a ser como sou? O que me define como pertencente a uma cultura? Como e por que me sinto incluído numa sociedade? Enfim, o homem necessita de explicações para todas as suas atividades, como vive, como se comunica, sua relação com o mundo e o outro em todos os seus pormenores e busca, para satisfazer seus questionamentos, as respostas na ciência. Nota-se, portanto, que a curiosidade faz com que um indivíduo explore o universo ao seu redor a procura de informações que possam ser transformadas em conhecimento, no sentido de significar a própria existência. Esse significado começa a se fazer presente no momento em que se sente impelido à busca de construção de conhecimento, o que acontece a partir de interações com o meio e com o semelhante.

O Construtivismo, corrente epistemológica que defende que o conhecimento não é empírico nem inato, o considera proveniente de um processo permanente e dinâmico, no qual os sujeitos, ao passarem por estágios de desenvolvimento, estabelecem relações com o meio e com os outros sujeitos, sem que exista preponderância entre aquele e o objeto de conhecimento, se modificando e construindo, ambos, pela aprendizagem e o desenvolvimento. Para Misukami

¹ A epígrafe se encontra disponível em www.frases.netsaber.com.br (acessado em março de 2009)

² CURIOSIDADE. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. São Paulo: Regis Ltda., 2004.

(1986, p.86), “segundo esta abordagem não existem senão homens concretos, situados no tempo e no espaço, inseridos num contexto sócio-econômico-cultural-político, enfim, num contexto histórico”. E qual o sentido de todo o conhecimento se não o de significar a própria existência? Assim sendo, todo o conhecimento é oriundo de conhecimentos anteriores, que são ressignificados de acordo com o momento.

O espírito investigativo pode ser instigado a partir de diferentes atividades humanas provenientes de variadas esferas de comunicação. Dessa forma, considerando que a sociedade contemporânea vem passando por marcantes modificações, em que o chamado processo de globalização tem ocasionado consideráveis mudanças nas práticas sociais, passando por um processo de redefinição de uma série de conceitos, valores e princípios que até pouco tempo sequer eram mencionados, surgem questionamentos de ordens diversas. Por exemplo, com a evolução das tecnologias, que se fizeram notar, mais marcadamente, a partir da Revolução Industrial, quando a produção em massa mudou significativamente as necessidades sociais, mudaram também os paradigmas das relações de trabalho, levando a um aumento da produção, dos lucros e, também, da exploração da atividade humana.

No final do século XIX, com a chegada do taylorismo³, como ilustra Charles Chaplin no filme “Tempos Modernos”, privilegiou-se o *trabalho prescrito*, concebido pelos administradores, que previa um trabalhador que executasse as tarefas de maneira mecânica e repetitiva, sem reconhecer o *trabalho real*, realizado por sujeitos que fazem escolhas. A “administração científica”, nesse cenário, suscitou vários questionamentos ao considerar os trabalhadores como meros recursos humanos, não permitindo trocas languageiras entre eles e nem a emergência de diferentes identidades. Tal postura fez surgir variados estudos sobre a atividade humana de trabalho, como é o caso da abordagem ergológica⁴, desenvolvida pelo filósofo Yves Schwartz na década de 80 (Schwartz, 2006, 2007), que, entendendo ser o trabalhador o centro da atividade, observa as “dramáticas do

³ Taylorismo ou Administração Científica é o modelo de administração desenvolvido pelo engenheiro estadunidense Frederick Winslow Taylor (1856-1915), que é considerado o pai da administração científica.

⁴ A ergologia é uma abordagem interdisciplinar que tem como foco de estudo a atividade humana de trabalho em suas diferentes dimensões.

uso de si” vividas pelo sujeito na relação com o outro, pressupondo ressingularizações de normas heterodeterminadas.

Já a partir do final da década de 70, início dos anos oitenta do século XX, o processo de aceleração do desenvolvimento tecnológico e da globalização define um novo modelo de desenvolvimento. Este modelo deveria atender aos novos padrões de qualificação e competências, advindos das novas relações estabelecidas no mundo do trabalho que começava a exigir um perfil mais flexível, competente e polivalente, no qual o conhecimento passa a ser mais priorizado a fim de atender às novas demandas do sistema capitalista. Há de se observar que, nesse contexto de mudança, dentre outras práticas, diferentes atividades languageiras, novos comportamentos e diferenciadas estruturas de trabalho passaram a provocar reflexões diversas. É possível perceber, assim, que grupos vão se formando a partir de critérios não muito claros, mas que, em geral, advêm de afinidades entre os indivíduos (gostos, costumes, preferências etc.). Desse modo, é comum se perceberem afinidades, como por exemplo entre os colegas de trabalho e os parceiros de festa, o que desencadeia, por um lado, a identificação de pontos em comum entre indivíduos e, por outro, diferenças entre eles. Essa constatação permite pensar na relação entre identidade e alteridade, em que o reconhecimento do “eu” somente pode se dar pelo “outro”, o que remete à questão da relação constitutiva entre identidade e práticas languageiras. Em outras palavras, o homem se constitui na relação com sua época, com o significado da sua própria existência ao considerar suas atividades e relações sociais.

Nessa perspectiva, como freqüentadora de um salão de beleza localizado na cidade do Rio Grande/RS, percebi entre alguns funcionários (uma maioria, que se diz homossexual) um linguajar enigmático e diferente sem, no entanto, atribuir-lhe a dimensão que somente a pesquisadora curiosa que me tornei, ao ingressar em 2007 no PPGL da UCPel⁵, poderia atribuir àquele “código”. Observei que havia em enunciados do tipo “Olha o carteio da amapoa ageu”, ou ainda, “Que picumã odara!” muito mais do que simples estranhamento e divertimento. Podia perceber uma espécie de dizer que, ao incluir certos interlocutores, excluía outros, revelando uma construção identitária de determinados indivíduos e grupos.

⁵ Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas.

Considerando ser a identidade construída no discurso e nas relações dialógicas e ideológicas projetadas nas interações sociais e a partir de minha experiência no salão de beleza, pareceu-me de suma importância desenvolver uma pesquisa acadêmica voltada para refletir sobre as práticas discursivas⁶ dos trabalhadores no cotidiano de um salão de beleza. Uma dessas identidades construídas pela atividade linguageira em situação de trabalho pode ser observada em grupos de homossexuais que trabalham em salões de beleza. Inseridos em um contexto social heteronormativo, tais grupos precisam “negociar” sua diferença num ambiente predominantemente feminino, de relacionamentos efêmeros e eminentemente discursivos. Como um grupo identitário específico, tais profissionais, ao relacionarem-se com o público, com os outros profissionais e entre si, utilizam-se, por vezes, de uma “linguagem cifrada” que se vale do binômio inteligibilidade / não-inteligibilidade para efetivar a interação social.

Ponderando sobre a relação de complexidade entre linguagem e sociedade, faz-se necessária a análise de práticas linguageiras para a compreensão de efeitos de sentido em curso. Este estudo se justifica a partir de duas perspectivas: uma social e outra acadêmica. Do ponto de vista social, esta pesquisa pode contribuir tanto para os próprios cabeleireiros (re)conhecerem melhor sua prática laboral quanto para o público em geral melhor compreender a atividade do cabeleireiro, sua identidade, sua linguagem diferenciada, o porquê do seu uso. Já do ponto de vista acadêmico, esta reflexão procura contemplar aspectos relativos ao mundo do trabalho, a questões identitárias e à perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem.

Para respaldar a análise, são desenvolvidos três enfoques teóricos advindos de diferentes abordagens: estudos do trabalho (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007; NOUROUDINE, 2002), estudos culturais (HALL, 2006; BAUMAN, 2001, 2005) e teoria dialógica do discurso (BAKHTIN, 1997, 1998, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). Com a perspectiva ergológica, Schwartz (2007) aborda o conceito de trabalho através do conceito de atividade industrial, observando o debate permanente entre normas antecedentes (que precedem o trabalho vivo) e renormalizações (readequações elaboradas em situação). Assim, na

⁶ Neste estudo, será usada a expressão “prática discursiva” e/ou “prática linguageira” no sentido de se observar a língua em uso, em situação concreta, observando-se a relação intrínseca entre o lingüístico, o social e o ideológico.

atividade profissional, trabalhadores mobilizam diferentes valores, saberes e experiências, pois cada um traz uma bagagem histórica diferente que vai se revelando no diálogo com outras atividades. Tanto as práticas coletivas, partilhadas por um grupo, como as individuais, restritas a um dado público, integram o trabalho dos sujeitos e não deixam de mostrar facetas da constituição dialógica do sujeito, seu caráter histórico e heterogêneo, que se concretiza na permanente inter-relação com o outro. Nouroudine (2002), ao dar relevância à linguagem, como dispositivo revelador da complexidade do trabalho, propõe a observação de três dimensões interdependentes: “a linguagem *como* trabalho” (uma linguagem que faz), voltada para o fazer, “a linguagem *no* trabalho” (uma linguagem circundante), que ultrapassa as fronteiras profissionais, fazendo imbricar diferentes saberes, partilhados somente por quem convive com um determinado grupo de indivíduos, e “a linguagem *sobre* o trabalho” (uma linguagem que interpreta), que está relacionada às manifestações avaliativas de uma situação objetivando a ação. Assim, para Nouroudine (2002), a linguagem é elemento central da atividade de trabalho, atividade complexa que envolve muitas dimensões (histórica, social, cultural, política etc.), e deve ser objeto de reflexão para o entendimento das interações que se engendram nas práticas laborais. As contribuições teóricas de Schwartz (2007) são trabalhadas numa dimensão mais ampla – de base – em todo o estudo, já as de Nouroudine (2002) são mais enfatizadas na parte da análise da pesquisa.

A noção de identidade é resgatada dos estudos culturais, segundo a perspectiva de Hall (2006), que a associa a três concepções de sujeito: (a) sujeito do iluminismo, que apresenta uma visão “individualista” do ser humano e da sua identidade; (b) sujeito sociológico, que entende que a identidade é formada na relação entre o sujeito e a sociedade, num viés determinista e (c) sujeito pós-moderno, que vê o sujeito como sendo constituído não de uma única, mas de muitas identidades, que por vezes são contraditórias ou não resolvidas. Acrescenta o autor que mudanças estruturais, como de classe, gênero, sexualidade etc., estão fragmentando as identidades culturais, as quais, se antes eram consideradas sólidas localizações, em que o sujeito moderno se “enquadrava” socialmente, hoje se encontram com limites menos definidos, provocando no sujeito pós-moderno uma crise identitária.

Para Bauman (2005), na sociedade contemporânea, vive-se em uma modernidade “líquida”, em que os valores e as escolhas se modificam com extrema

rapidez, devido a fenômenos como a globalização e a desterritorialização, tornando as categorias de pertencimento e de identidade fluidas, instáveis, provisórias, descartáveis. Percebem-se, então, elaborações culturais e sociais que não nascem com o indivíduo, mas tornam-se produtos da criação humana, são impostas e se entranham nas diferentes relações discursivas, como as de trabalho.

O dialogismo, base da teoria dialógica do discurso, é um princípio que constitui o sujeito e suas práticas discursivas (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). A atividade discursiva pressupõe o outro (sujeitos e discursos) e desencadeia diferentes relações de sentido, não permitindo que haja qualquer fechamento ou acabamento categórico, ou seja, é compartilhado pelos sujeitos envolvidos, não havendo um receptor passivo já que o ouvinte ocupa uma posição responsiva ativa. Depreende-se, então, que o princípio dialógico é constitutivo de diferentes noções, como linguagem e interação verbal, o que marca a abordagem histórica e inter-relacional da enunciação como fator determinante da construção híbrida e dinâmica de identidades.

Com a variedade de identidades fluidas que emergem em diferentes interações verbais em situação de trabalho, esta investigação tem como objetivo geral analisar práticas discursivas de trabalhadores de um salão beleza localizado na cidade do Rio Grande (RS), que, em alguns momentos, utilizam uma linguagem cifrada durante suas atividades profissionais, observando características da construção de identidades homossexuais e de seu trabalho. Como objetivos específicos, visa a (i) verificar a interação entre trabalhadores heterossexuais e homossexuais em práticas discursivas do trabalho, (ii) analisar como ocorrem essas práticas discursivas em situação de trabalho de homossexuais masculinos e (iii) apreender aspectos discursivos da constituição da identidade dos sujeitos homossexuais masculinos nessas situações de trabalho.

Para o desenvolvimento dos objetivos, utilizou-se a pesquisa de campo através da observação e gravação das interações. O material de análise se constitui a partir das interações presenciadas em um salão de beleza. O salão, localizado na cidade do Rio Grande/RS, possui em seu quadro funcional nove trabalhadores, dentre os quais três cabeleireiros, três manicures, uma atendente de lavatório e duas recepcionistas. Alguns desses profissionais, em determinadas oportunidades, utilizam-se de uma linguagem cifrada durante a atividade de trabalho.

As gravações foram realizadas durante as visitas da pesquisadora ao salão de beleza, ora somente como pesquisadora, ora como cliente em visitas periódicas, e ocorreram nos meses de junho e julho de 2007 e agosto e dezembro de 2008, na parte da tarde, totalizando quatro visitas. Desses encontros, foram selecionados trechos referentes aos dias cinco e seis de junho de 2007 e cinco de agosto e 21 de dezembro de 2008. No material gravado em áudio, é possível observar diversas e inúmeras interações, entretanto priorizou-se a seleção daquelas que contivessem a participação dos trabalhadores do salão, em especial trechos em que utilizam a linguagem cifrada. Após a transcrição das gravações selecionadas, foi preciso contar com a colaboração dos cabeleireiros no sentido de auxiliarem a “decodificar” os dizeres cifrados e com o dicionário *Aurélia, a dicionária da língua afiada*⁷ (2006) possibilitando, a partir daí, a organização do material para a análise.

Atrelada à gravação das interações, foi feita uma entrevista em áudio com três dos cabeleireiros, na segunda quinzena de maio de 2009. Esse procedimento se deu pela necessidade de conhecer mais a realidade, a vida, o trabalho desses profissionais da beleza que, em determinadas situações, utilizam-se da linguagem cifrada. A análise do material se dá a partir dos fragmentos⁸ selecionados das interações maiores, levando em consideração os acentos valorativos dos itens lexicais que constituem a linguagem cifrada. Em relação à linguagem em situação de trabalho, a análise propõe uma reflexão destacando o caráter revelador da complexidade do trabalho em três dimensões: linguagem *no* trabalho, *como* trabalho e *sobre* o trabalho proposta por Nouroudine (2002), observando a partir daí características da identidade discursiva dos cabeleireiros em questão. A análise está organizada por “situações”, sendo que em cada uma são analisados “fragmentos” que contêm os dizeres cifrados. A cada apresentação das situações enunciativas são evidenciadas a data do acontecimento, os sujeitos enunciadore e a atividade que desempenhavam no momento. É pertinente salientar que as circunstancias são apresentadas pelo tamanho do fragmento, do maior para o menor, não obedecendo, portanto, uma ordem cronológica.

⁷ Primeiro dicionário de expressões gays do Brasil. São 1,3 mil verbetes que refletem a cultura gay e lésbica, catalogados pelo jornalista Victor Ângelo. Segundo o autor, o título é uma homenagem ao dicionário Aurélio.

⁸ Neste estudo, a palavra “fragmento” é usada no sentido de uma parte do todo, ou seja, a análise da parte inclui necessariamente a situação maior de produção, circulação e recepção dos enunciados.

Este estudo está organizado em três capítulos, seguidos das Considerações Finais. O capítulo inicial – *Considerações a respeito da homossexualidade* – apresenta um esboço a respeito da homossexualidade. Inicia fazendo algumas colocações referentes à questão homossexual na antiguidade, na Europa dos séculos XVI, XVII, XVIII, em terras brasileiras entre os indígenas, passando por questões de gênero, preconceito, religião e é finalizado com questões relacionadas à dificuldade de trabalho enfrentada pelos homossexuais.

O capítulo seguinte, *Pressupostos teóricos*, é constituído de três partes. Na primeira, *Atividade de trabalho*, são discutidas questões relativas à complexidade das relações de trabalho, em especial sua dinamicidade no que se refere ao engendramento a práticas de linguagem. A segunda parte, *Construção da identidade*, traz para reflexão contribuições sobre o caráter dinâmico da formação identitária, o que dá respaldo para desenvolver reflexões sobre a formação da identidade homossexual e o mundo do trabalho. *Abordagem dialógica da linguagem*, a terceira parte, trata de noções desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin, consideradas importantes para a pesquisa, como linguagem, dialogismo e sujeito dialógico. Destaca-se, nesse sentido, a materialização da linguagem como interação verbal que está diretamente relacionada às diferentes dimensões da atividade humana.

O terceiro capítulo, *Interação, atividade de trabalho e constituição identitária: exercício de análise*, destina-se à análise discursiva das interações. Para tanto, inicialmente apresenta a metodologia, composta da constituição, seleção e critérios de análise do material. Na seqüência, os diálogos são analisados a fim de desenvolver os objetivos propostos.

Nas *Reflexões finais*, são desenvolvidas considerações oriundas da análise das práticas discursivas observadas em situação de trabalho. Foi possível constatar que a linguagem cifrada se apresenta como pista da constituição identitária homossexual dos cabeleireiros pesquisados, que em diferentes momentos procuram não ser compreendidos por determinados sujeitos que os cercam. Tal constatação permitiu observar também que a atividade de trabalho dos cabeleireiros é bastante dinâmica e engendra a linguagem *como, no e sobre o trabalho*, o que facilita a circulação de diferentes assuntos, como os mais íntimos, no ambiente de trabalho, embora por meio de uma linguagem cifrada. É válido destacar que esta investigação, não tendo o propósito de trazer uma resposta definitiva aos objetivos

apresentados, procurou apresentar possibilidades de reflexão que pudessem iluminar interrogações postas em debate.

1 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA HOMOSSEXUALIDADE

Certamente, falar de sexualidade é adentrar num terreno polêmico e com inclinações para a falta de definições. Pode-se observar, através da mídia e do aumento de publicações de livros e artigos, que o interesse por esse assunto cresceu nos últimos tempos. Algumas sociedades distintas criaram diferentes conceitos sobre sexo e orientação sexual, entre outros termos ligados ao domínio da sexualidade, e seus vários discursos, no decorrer dos tempos, mostraram diversos posicionamentos políticos e ideológicos. A homossexualidade, como parte integrante do tema sexualidade, também tem se tornado assunto recorrente de análise e discussão no meio acadêmico.

Estudos realizados por Costa (2004) apresentam registros de homossexualidade entre povos das antigas civilizações romanas, egípcias, gregas, assírias e na Caldéia, antigo berço da civilização. Sabe-se que na Antigüidade (RODRIGUES, 2004; DOVER, 2007) a beleza, a força e a virilidade dos corpos masculinos eram valorizadas entre os homens, que acabavam seduzidos uns pelos outros e, assim, entregavam-se às paixões homossexuais. O amor entre homens aparece em muitos trabalhos de Foucault (1990), em especial na obra *História da Sexualidade II*. O autor salienta que na Grécia era aceito o amor entre um homem mais velho e um rapaz, porém vê nessa ligação a possibilidade da relação entre homens na Grécia ser pensada em termos de um comportamento bissexual, uma vez que os homens mais velhos tinham, em geral, esposas, mantendo com os rapazes relações transitórias.

Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto. As linhas de demarcação não seguiam uma tal fronteira. A oposição entre um homem temperante e senhor de si e aquele que se entregava aos prazeres era, do ponto de vista da moral, muito mais importante que aquilo que distinguia, entre elas, as categorias de prazer às quais era possível consagrar-se mais livremente. Ter costumes frouxos consistia em não saber resistir nem às mulheres nem aos rapazes, sem que este último caso fosse mais grave do que o outro. (FOUCAULT, 1990, p.167)

Uma curiosidade peculiar da cultura grega da antigüidade, segundo Branden (1982), é que o interesse entre os homens provinha da valorização da sua capacidade de pensar, pois julgavam as mulheres inferiores intelectualmente, destinando-as apenas à procriação. Essa questão da subordinação feminina ao homem remonta às idéias de Platão e Aristóteles, segundo os quais: “[...] as mulheres eram inferiores aos homens... no corpo e na mente. As mulheres eram educadas para serem subordinadas aos homens em quase todos os aspectos.” (p.24). Kenneth Dover (2007), no livro *A homossexualidade na Grécia antiga*, menciona que outras manifestações de afeto do desejo homossexual eram feitas abertamente, através de atitudes, palavras. A literatura e as artes visuais gregas ratificam tal afirmação como ilustra a figura a seguir:



Figura 1 - Um homem e um menino trocando carícias, prática comum na sociedade Grega
Fonte: (DOVER, 2007)

Nos séculos XVI, XVII, XVIII, segundo Trevisan (2007), países europeus, de religião católica ou protestante, puniam com severidade aqueles que praticavam sodomia (sexo anal). Eram condenados a castigos, como multas, castração, amputação de orelha, morte na forca e fogueira, empalhamento e afogamento, que variavam à medida que os anos se passavam. Ainda conforme Trevisan (2007), o

sociólogo, escritor e antropólogo Gilberto Freyre salienta que na Itália renascentista a sodomia acontecia livremente, a partir da valorização da cultura grega clássica, sendo encontrados homossexuais italianos até nos processos inquisitórios espanhóis nos séculos XVI e XVII. Trevisan afirma que em terras brasileiras, a prática homossexual teria sido popularizada pelos colonizadores europeus que encontraram, na moral sexual dos índios e nas condições desenfreadas da colonização, um terreno fértil para sua expansão.

Nesse sentido, Rodrigues (2004, p.74) salienta que, a partir das pesquisas minuciosas do antropólogo Luiz Mott com base nos registros da Inquisição, vieram à tona aventuras homossexuais dos nossos antepassados indígenas “Muito antes da chegada de Colombo ou Pedro Álvares Cabral, a homossexualidade já era largamente praticada” e faz questão de salientar que essa prática era válida tanto entre sociedades desenvolvidas como entre os “índios Tupinambás, Coerunas, Guaranis, Bororos e posteriormente entre caboclos e alguns sacerdotes importados”.

Entre os Tupinambás, o Tratado Descritivo do Brasil de 1587, escrito por Gabriel Soares de Souza, refere-se tanto à homossexualidade masculina como feminina. Descreve que o “pecado nefando” era bem aceito, sendo que aquele que desempenhava o papel ativo era visto como valente, contando o caso como proeza. Os tupinambás, vizinhos dos tupinambás, eram “muito mais sujeitos ao pecado nefando do que os tupinambás”, afirma Trevisan (2007, p.65). Já entre os índios guaicurus há relatos sobre travestismo, como os chamados cudinas, homens castrados que se vestiam como mulheres e passavam a efetuar tarefas exclusivamente femininas, como a tecelagem.

Na tribo bororó, seguindo a reflexão de Trevisan, os mancebos recolhiam-se ao baito (ou casa-dos-homens), onde mulheres não podiam ingressar e os rapazes entregavam-se a relações sexuais com toda a naturalidade. Na própria medicina indígena, era comum que o tratamento fosse realizado com relacionamento sexual do pajé com os enfermos, inclusive com intercurso anal, como entre os coerunas. Com a chegada dos portugueses em terras brasileiras passam a valer as ordenações que classificavam a sodomia como um pecado obscuro, sujo e desonesto. Porém, no período colonial, há farta documentação sobre práticas homossexuais, justamente devido aos processos instaurados para puni-la. Com a Independência do Brasil no século XIX, o fim dos Tribunais do Santo

Ofício e a edição de um Código Penal nos primeiros anos do Império, a prática deixa de ser criminosa, cessando também a documentação a respeito. A moral cristã e o preconceito, contudo, estavam arraigados na sociedade (TREVISAN, 2007).

Pode-se observar que, de uma maneira ou de outra, as relações homossexuais coabitavam com os hábitos da população. Fry e MacRae (1985) afirmam que não há verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as idéias e práticas associadas a ela são produzidas historicamente no interior das sociedades.

Nota-se, desse modo, que a maneira de encarar a homossexualidade advém de uma atitude cultural e que a nossa civilização foi sedimentando o machismo de forma a conceber como “normal” apenas o relacionamento entre homem e mulher (CURTI, 2000). O papel masculino vem sendo alvo de muitos debates, pois durante muito tempo o homem foi visto como sexo forte. Porém, essa hegemonia iniciou sua derrocada a partir dos estudos referentes a gênero e suas relações sociais, nos anos 60 do século passado, quando referenciais das teorias críticas feministas despontavam. Segundo Swain (2002), o feminismo evidenciou a categoria de gênero, que se opõe a sexo biológico, questionando a armadilha da condição biológica. Deste modo, torna-se impossível falar do masculino sem que se faça uma relação com o feminino e vice-versa. Então parte-se do pensamento de que gênero engloba homens e mulheres, indo além dos sujeitos concretos.

Judith Butler, em *Problemas de Gênero* (2003, p.26), menciona que a diferença entre sexo e gênero se fundamenta na idéia de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído, conseqüentemente não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco aparentemente fixo como o sexo:

A idéia de que gênero é construído sugere um certo determinismo de significados de gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p.26)

Fry e MacRae (1985) vão ao encontro de Butler, pois para esses autores não se constrói historicamente a identidade de um homem ou de uma mulher a partir

de critérios biológicos, mas sim do ponto de vista do comportamento considerado adequado a ambos numa dada sociedade; são comportamentos impostos por uma série de mecanismo sociais de instituições como a família, a igreja e a escola, por isso, desde cedo, “meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina os comportamentos e emoções considerados adequados. Qualquer ‘desvio’ é reprimido” (FRY; MACRAE, 1985, p.11), como pode ser observado na ilustração a seguir, em que se confirma a máxima popular: “brincar de boneca é coisa de menina; menino joga futebol!”:



Figura 2 – Ilustração retrata a divisão histórica entre brincadeira de menino e brincadeira de menina Fonte: (BENTO, 2008).

Quando o comportamento – como se observou na ilustração acima – e as relações seguem caminhos diferentes da dita “normalidade”, tem-se um grave problema social: o preconceito. Preconceito é entendido como um “conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consiste em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo”, ou ainda, “define a natureza do grupo e, portanto, adere indelevelmente a todos os indivíduos que o compõem” (MEZAN, 1998, p.226). Para Jones (apud GOLDSTEIN, 1983), autor ligado à Psicologia Social, o preconceito é definido como “um julgamento negativo dos membros de uma raça ou religião, dos

ocupantes de qualquer outro papel social significativo, uma avaliação não válida de um grupo ou de seus membros”. Depreende-se de forma sucinta que preconceito é uma postura ou idéia pré-concebida, uma atitude de alienação a tudo aquilo que foge dos “padrões” de uma sociedade. Algumas das formas mais conhecidas de preconceito são referentes à raça e a opção sexual.

O preconceito sexual contra homossexuais é freqüentemente chamado de homofobia⁹, ou até heterossexismo¹⁰. Tais denominações despontaram no final da década de 60 como uma resposta às mudanças trazidas pela revolução sexual, que fez com que a sociedade repensasse temas relativos à orientação sexual.

O termo “homossexualismo” surge na segunda metade do século XIX, através de um militante “uranista”¹¹, que tinha por objetivo “legitimar biologicamente a ‘vocação’ homossexual e isentar de culpa os seus ‘vocacionados’” (TREVISAN, 2007, p.33). O vocábulo foi rapidamente vinculado a uma “chaga”, que deveria ser tratada. Dessa forma, o conceito de “homossexual” marca uma divisão histórica no modo como as práticas homossexuais passaram a ser vistas ao longo do tempo nas sociedades ocidentais. Elisabeth Badinter (1993), no livro *XY: sobre a identidade masculina*, ilustra de forma clara essa situação:

O sodomita, que era apenas uma aberração temporária, dá lugar ao “homossexual”, que caracteriza uma espécie particular. Com a invenção de novas palavras – “homossexual” e “invertido” – para designar aqueles que se interessam pelo mesmo sexo, altera-se a idéia que se faz deles. A criação de uma palavra corresponde, neste caso, à criação de uma essência, de uma doença psíquica e de um mal social. O nascimento do “homossexual” é o nascimento de uma problemática e de uma intolerância que sobreviveram até os nossos dias. (p.102)

Na visão da autora observa-se uma relevante causa para estigmatização dos homossexuais: o processo classificatório das sexualidades feito pelos sexólogos. Diante da classificação das práticas sexuais em heterossexuais e homossexuais, esses últimos foram considerados desviantes e colocados no terreno da anormalidade. Então, ao longo da história, os homossexuais passaram por vários

⁹ Termo cunhado pelo psicólogo George Weinberg na década de 70, que pode ser sucintamente definido como uma aversão ou medo irracional de homossexuais.

¹⁰ Termo similar a racismo e sexismo, descrevendo um sistema ideológico, social e institucional, que coloca a homossexualidade (e outras formas de expressão sexual) como inferior à heterossexualidade.

¹¹ Como se denominava na época homem que faz sexo com outro homem.

preconceitos, injustiças e punições que iam desde as mais comuns, como multas e confiscos de bens, até as mais brutais, como enforcamento.

Essa concepção vigorou em grande parte do mundo até algumas décadas passadas. Uma grande conquista nessa área se deu no ano de 1973 quando a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade do seu “Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais”, depois de rever estudos e provas que revelavam que a homossexualidade não se enquadra nos critérios utilizados na categoria de doenças mentais. Constatou-se então que a homossexualidade é uma forma de orientação sexual.

Esse processo só ocorreu no Brasil em 1985, quando o Conselho Federal de Medicina passou a desconsiderar a homossexualidade como uma doença, o mesmo ocorrendo em 1991 com a Organização Mundial da Saúde. Sendo assim, conforme Humberto Rodrigues (2004), cai o uso do termo “homossexualismo” (uma vez que o sufixo “ismo” é usado para terminologia de palavras associadas a doenças), passando a ser utilizada como referência “homossexualidade”. Ainda assim, o vocábulo homossexualidade e, particularmente, homossexualismo, continuam carregados de preconceito, pois remetem ao vocabulário científico-moral dos séculos XVIII e XIX que deu origem à noção de homossexual. Costa (1992) propõe que tais termos sejam substituídos por homoerotismo, pois seria uma noção mais flexível e que descreveria melhor a pluralidade das práticas ou desejos de determinadas pessoas. Assim sendo, excluiria qualquer alusão a desvio, anormalidade ou perversão que fariam parte do substantivo homossexual. De acordo com este autor, o termo homoerotismo negaria “a idéia de que existe algo como uma ‘substância homossexual’ orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas” (COSTA, 1992, p.22).

Em 1999, foi a vez do Conselho Federal de Psicologia publicar portaria ratificando a normalidade da homossexualidade, ao mesmo tempo em que condenou as teorias e terapias homofóbicas¹². Mesmo que nos últimos tempos a homossexualidade tenha deixado de ser considerada “doença”, isso não significa que os problemas a ela relacionados tenham desaparecido, pois em diversos países

¹² Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1/99, de 23.3.1999, que "Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual": "Art. 3º – Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados."

ela ainda é tida como crime. Apesar de a livre opção sexual ser um direito de todo cidadão, garantido pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, ainda persistem as questões relacionadas ao estigma.

Luiz Mott, em entrevista concedida ao jornalista Jefferson Saavedra, do Jornal *A Notícia*, de Florianópolis, em 11/02/2001¹³, faz as seguintes observações a respeito da forma como se manifesta o preconceito ao homossexual:

Algumas pesquisas de institutos confiáveis mostram que o grau de rejeição aos homossexuais em algumas áreas, como formadores de opinião, chega a 80%. Isso é preocupante porque a televisão, a mídia, ou omite a presença de homossexuais dignos, respeitosos e bem-sucedidos, através do complô do silêncio, ou então exibem caricaturas ou estereótipos que reforçam o preconceito. A tal ponto que recentemente, em um encontro de psicólogos protestantes, uma "ex-lésbica" vinda do Canadá falou que a homossexualidade era uma infelicidade, uma parada no desenvolvimento da personalidade. Nesse mesmo dia em que foi publicada a notícia, um jovem soropositivo homossexual tentou o suicídio por ter sua auto-estima rebaixada ao nível mínimo. Eu considero que todas as minorias sociais, os gays, lésbicas e travestis são os mais discriminados, porque a intolerância começa dentro de casa. (MOTT, 2001)

É possível observar que, apesar da intolerância e preconceito, a homossexualidade tem conquistado seu espaço e é discutida nos meios de comunicação. Ainda assim, a realidade tem mostrado que esses mesmos meios que a "promovem", são os mesmos que ainda retratam o homossexual de forma estereotipada e até caricata, o que coopera de forma negativa e promove a manutenção social do preconceito. Entretanto, a comunidade homossexual tem procurado reagir ao preconceito veiculado pela mídia. Como exemplo dessa reação foi o movimento iniciado para que o comediante Renato Aragão, o Didi, perdesse o título de Embaixador da UNICEF por conta das freqüentes piadas preconceituosas veiculadas em seu programa de televisão. Em julho de 2004, a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros) entregou à UNICEF um dossiê com as reivindicações do movimento e compromissos de Renato Aragão de excluir o conteúdo ofensivo dos programas (GLS PLANET, 2004).

Como se tem observado, vários são os preconceitos que vitimam os homossexuais, por diversos setores da sociedade. Outra questão que a eles se agrega é a AIDS. A doença se manifesta após a infecção do organismo humano pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, mais conhecido como HIV. Esse vírus pode

¹³ Disponível em: <<http://br.geocities.com/luizmottbr/entre8.html>> Acesso em: 20 abr. 2008.

ser encontrado no sangue, esperma, secreção vaginal e leite materno de pessoas infectadas. Os primeiros casos aqui no Brasil apareceram no início dos anos 80, a doença era chamada de ‘câncer gay’ e muitas pessoas tinham receio de apertar a mão de homossexuais e serem contaminados com a doença. Com a chegada da AIDS houve uma necessidade de mobilização social em regime emergencial.

Os poucos grupos de militância homossexual disponíveis naquele momento concentraram seus esforços na organização de um sistema de prevenção e atendimento às vítimas da epidemia. Essa mobilização, por sua vez, teve impactos positivos na relação entre o movimento homossexual e o governo brasileiro, pois a partir desse momento se unem a estes grupos (muitos dos quais passaram a se autodenominar Organizações Não-Governamentais – ONGs) para combater a doença.

Os homossexuais enfrentaram a crise da AIDS levantando bandeiras sobre “sexo seguro”, levando uma vida sexual menos ativa, desenvolvendo redes de apoio mútuo, levantando capital para pesquisas e tratamentos, e combatendo a discriminação. Pode-se dizer que a partir desse cenário surgem as comunidades homossexuais. Segundo Jurandir Costa (1992), a luta contra a AIDS e a luta pelo direito à livre expressão social da homossexualidade tornaram-se, praticamente, a mesma coisa. Trevisan (2007, p.370) salienta que “Graças à AIDS, nunca se falou tão abertamente da homossexualidade, o que trouxe efeitos positivos para a luta pelos direitos homossexuais e sua necessária visibilidade social.”

A discriminação aos homossexuais, principalmente os masculinos, ainda é proeminente. No mês de novembro de 2008, o site do jornal Correio Brasiliense¹⁴ exibiu a manchete “Homossexual é rejeitado como doador pelos hemocentros, com base em norma da Anvisa” que relata “a inclusão de homens que fizeram sexo com outros homens na lista de pessoas que não podem doar sangue, conforme a resolução RDC 15”. O presidente da ONG Estruturação, que luta pelo direito dos homossexuais em Brasília, Welton Trindade, reconhece que há maior incidência da Aids entre *gays*, mas afirma que a resolução é discriminatória: “Não pedimos regalias, queremos que seja igual para todos. Se um hetero que usa camisinha pode doar, um homossexual também pode”.

¹⁴ Disponível em: <<http://www.correiobrasiliense.com.br>> Acesso em: 20 abr. 2008.

No tocante a questões religiosas, o preconceito e a discriminação se fazem presentes. É fato que a religião ocupa, na história da humanidade, um papel de grande influência e determinação na vida de seus seguidores, portanto ela está tão arraigada no indivíduo que pode guiar seus pensamentos e ideologias. A busca por Deus, a crença no sobrenatural e a procura pela plenitude fazem com que muitos se apeguem nas mais diversas religiões, muitas vezes de forma pouca crítica. Todas as religiões existentes nas sociedades têm posturas diferentes em relação à homossexualidade ou outras orientações não-heterossexuais. Conforme Luiz Mott¹⁵, existem três grupos de religiões: a) as radicalmente hostis, b) as indiferentes e c) as favoráveis à homossexualidade.

No primeiro grupo, estão as crenças que condenam a atração afetivo-sexual entre indivíduos do mesmo sexo: islamismo, judaísmo e cristianismo (catolicismo, as denominações evangélicas pentecostais e neopentecostais) são religiões explicitamente contrárias às práticas sexuais sem fins reprodutivos. O segundo exemplo, mencionado por Mott, vem do Oriente. Trata-se do budismo. Já no terceiro grupo, o candomblé ocupa lugar de destaque – religião de matriz africana formada deste lado do Atlântico, onde se cultua um conjunto de orixás associados aos elementos da natureza (água, terra, fogo e ar).

O discurso da Igreja Católica em relação à preferência sexual dos homossexuais é dividida em “tendência homossexual” – homossexualidade e a “prática homossexual” – homossexualismo. Esta declaração fora explicitada na Revista Catolicismo¹⁶, edição de janeiro de 1997, pelo Monsenhor José Luiz Marinho Villac, quando interpelado sobre o tema homossexualismo: “Com muito gosto me honrarei de dar aos caros leitores de Catolicismo alguma orientação sobre o *problema*¹⁷ da homossexualidade e homossexualismo, assunto tão delicado, mas também tão atual quanto sinistro.” Depreende-se, na saudação aos leitores, a posição preconceituosa da Igreja quando diz “o problema”. Villac explica que a “tendência homossexual”¹⁸ é vista como um desvio da natureza, um apetite desordenada e faz questão de salientar que o indivíduo “tem obrigação moral de combatê-la a ferro e fogo, e não consentir absolutamente em nada do que ela pede. Nem por pensamentos, nem por palavras, nem por atos.” Já a “prática

¹⁵ Entrevista publicada na extinta revista *Sui Generis*, Rio de Janeiro, s/d, p. 31-35.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.catolicismo.com.br>> Acesso em: 20 mai. 2009.

¹⁷ Destaque da autora.

¹⁸ Na visão da Igreja se o indivíduo sentir o desejo, porém negá-lo estará isento de culpa.

homossexual”¹⁹ é considerada um pecado horrendo, sem nenhuma possibilidade de aceitação.

Algumas religiões que se posicionam como o cristianismo vêem a opção sexual como uma única característica relevante no ser humano, sem levar em consideração outros aspectos. No Islamismo, por exemplo, de acordo com o artigo *Religião e homossexualidade*, de Ferdinando Martins²⁰, as relações sexuais entre dois homens ou duas mulheres serão punidas, em alguns casos até mesmo com a morte. Os judeus seguem a mesma linha de raciocínio, pois entendem o comportamento homossexual como uma abominação proibida pela Torá²¹. No seguimento do artigo, Martins traz a voz do presidente do rabinato da Congregação Israelita Paulista, Henry I. Sobel, que faz questão de salientar o dever das religiões em geral e também do judaísmo é auxiliar e não discriminar os marginalizados pela sociedade.

Em contrapartida, há religiões que não têm as mesmas preocupações, como é o caso da notícia que circula na internet – “Igreja abençoa união de pessoas do mesmo sexo”²² – e mostra que nem todas as religiões são preconceituosas. A Igreja da Comunidade Metropolitana – ramo brasileiro da Metropolitan Community Churches, fundada pelo reverendo Troy Perry em 1968, em Los Angeles (EUA) – há aproximadamente cinco anos realiza a “Benção de União de Casais Homoafetivos”, que equivale ao casamento na Igreja Católica. Porém, o pastor Cristiano Valério salienta que “A Igreja dá uma benção a uma união que já é legítima, que já venceu muitos obstáculos e está consolidada. Na Igreja da Comunidade Metropolitana, entendemos que os casais devem celebrar sua união depois de se conhecerem, inclusive sexualmente.”

As religiões afro se afastam do primeiro grupo em virtude da ausência da noção de pecado presente em outros credos. Daí que o candomblé se tornou, ao longo das últimas décadas, um espaço religioso em que se verifica a expressiva participação de homossexuais. A Umbanda e o Candomblé²³ são tolerantes à homossexualidade, porque a vêem como uma opção individual que não compete às

¹⁹ Aquele que mantém relações sexuais com pessoas do mesmo sexo é pecador.

²⁰ Disponível em: <<http://www.mixbrasil.uol.com.br>> Acesso em: 20 mai. 2009.

²¹ Nome dado aos cinco primeiros livros do Tanakh, que constituem o texto central do judaísmo.

²² Disponível em: <<http://iurirubim.blog.terra.com.br>> Acesso em: 15 abr. 2009.

²³ Para esclarecimentos a respeito das diferenças entre Umbanda e Candomblé consultar *O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso*, de Reginaldo Prandi. Disponível em: <http://www.scielo.br>> Acesso em: 15 mai. 2009.

religiões condenar ou estigmatizar, e sim orientar seus fiéis no aspecto religioso. Tanto na Bahia quanto na região metropolitana do Rio de Janeiro, não é vergonhoso mencionar, escreve Lima (1983, p.182), que os homossexuais dividem com os heterossexuais uma participação quantitativa de caráter permanente no candomblé, sendo que na região metropolitana de Salvador chegam a predominar. Há em especial uma identificação significativa dos homossexuais com os cultos religiosos africanos no Brasil²⁴, talvez por se assemelharem com os escravos, pois ambos os grupos compartilham dos mesmos problemas – preconceito e exclusão.

Nos cultos dos orixás da África Ocidental, já existia a tradição de considerar como não-desviantes muitos aspectos da homossexualidade. Além disso, o travestismo é comum nos rituais, em que os sacerdotes africanos costumavam usar vestimentas nupciais femininas do século XIX. (TREVISAN, 2007, p.479)

Rechçados por parte da sociedade, alguns homossexuais encontram no candomblé, assim como na língua Iorubá²⁵, uma maneira protegida de viver em sociedade. Não se sabe ao certo por que os homossexuais utilizam o Iorubá para se comunicarem em determinados momentos, lugares ou situações, mas o antropólogo, professor, escritor e fundador do Grupo Gay da Bahia, Luiz Mott, em entrevista concedida à revista *G Magazine*, em 2007, quando interpelado sobre como interpreta a utilização por parte de grupos homossexuais de expressões muito utilizadas nas casas de santo e por que os gays utilizam a língua Iorubá para se comunicar, salienta que

A explicação para o uso desses termos pela cultura gay brasileira tem a ver com a frequência de muitos homossexuais brancos e negros nos terreiros afro-brasileiros e pela significativa presença de negros na comunidade gay.

²⁴ Relevante salientar que, segundo Trevisan (2007) e Fray e MacRae (1985), existem algumas especulações que se referem às relações entre o candomblé e a homossexualidade, a partir de certas evidências, como o grande número de pais-de-santo homossexuais.

²⁵ A língua Iorubá é conhecida também por Bajubá ou Pajubá. Segundo Braick e Mota (2005), na África são faladas mais de mil línguas, algumas utilizadas por milhões de pessoas. As comunidades Iorubas que se desenvolveram principalmente no sudeste da atual Nigéria constituíram um dos grandes centros civilizatórios da Guiné e chegaram a influenciar outras civilizações da região, como o reino de Benin. Esta irradiação cultural não se restringiu apenas ao continente africano. Milhares de Iorubas escravizados foram desembarcados no Brasil, fecundando a cultura e a história do país. Talvez uma explicação plausível sobre a gênese do povo Iorubá seja as diversas migrações através das regiões entre o Lago Chad e o Níger. No continente americano, o Iorubá também é falado, sobretudo em ritos religiosos, como os ritos afro-brasileiros, onde é chamado de nagô, e os ritos afro-cubanos de Cuba (e em menor escala, em certas partes dos Estados Unidos entre pessoas de origem cubana), onde é conhecido também por Lucumí.

Como outros "dialetos" grupais, é uma forma de através de linguagem cifrada evitar que pessoas de fora entendam conversas mais íntimas dos próprios homossexuais. (MOTT, 2007)

A linguagem cifrada, que Mott menciona, entremeada a práticas discursivas diversas observadas na atividade de trabalho em um salão de beleza, será objeto de reflexão no desenvolvimento da análise desta pesquisa. Nesse sentido, é pertinente considerar que a linguagem cifrada possa ser utilizada por homossexuais como uma das formas de se protegerem do preconceito, conseqüentemente evitando que suas conversas sejam decodificadas por aqueles que não são quistos em determinados momentos enunciativos. De certa forma, este tipo de manifestação lingüística está relacionado aos processos identitários, tanto individual quanto grupal, à medida que circunscrevem o acesso ao universo discursivo do homossexual, o que remete a pistas enunciativas complexas que necessitam de uma reflexão sistematizada.

Ainda destacando a questão do preconceito ao homossexual, é válido observar a sua presença na esfera de trabalho. Segundo o psicólogo Jaques-Jesus, colaborador dos sites Armário X e Grupo Gay da Bahia²⁶, um dos traços mais evidentes do mundo do trabalho é a crescente vocalização dos direitos das minorias. Mulheres, negros, homossexuais e portadores de deficiência são os grupos que mais atuam em busca dos seus legítimos direitos. O interesse, nesse momento, está focado na busca pela emancipação do homossexual no campo de trabalho.

No livro *Frescos trópicos* (2006, p. 42) Green e Polito mencionam um trecho do estudo *Observações sobre os hábitos, costumes e condições de vida dos homossexuais (pederastas passivos) de São Paulo*, publicado em 1938/1940, de Aldo Sinisgalli, que sintetiza o tipo de trabalho realizado por homossexuais naquela época: doceiros, cozinheiros, cabeleireiros, costureiros de senhoras etc. Green e Polito ainda mencionam *Psicoses de amor* (1954), de Hernani Irajá, que corrobora com Sinisgalli, porém acrescentando que os homossexuais adotavam profissões ditas femininas ou aquelas que lhes permitissem ficar mais próximos dos homens (massagistas ou barbeiros).

É difícil, em pleno século XXI, encontrarmos nos classificados dos jornais ou em agências de emprego anúncios que dêem prioridade a profissionais homossexuais. Com alguns milhões de brasileiros sem ocupação, segundo

²⁶ Disponível em www.armariox.com.br/conteudos/artigos/023-homoetrabalho.php

informações do DIEESE (Departamento Intersindical de estatística e Estudos Socioeconômicos), a cada dia se torna mais complexo conquistar um bom trabalho. Quando se trata de homossexuais, a situação tende a complicar-se já que, além de sofrerem com a falta de emprego, eles podem ser discriminados na hora de ocupar uma vaga no mercado de trabalho, como é possível perceber na notícia a seguir.

Homossexual discriminada em vaga de emprego deve ser indenizada. Comprovando a prova testemunhal que a demandante foi vítima de discriminação por ser homossexual, ao pretender vaga de trabalho, sofrendo constrangimento diante de outras pessoas, há o dever de indenização por danos morais. Esse foi o entendimento unânime da 5ª Câmara Cível do TJRS ao condenar empresa a indenizar por danos morais candidata a cargo de emprego que sofreu preconceito devido a sua opção sexual.²⁷

O caso ocorreu em Passo Fundo – RS, o julgamento foi em abril de 2006 e, segundo o relator do processo, Desembargador Umberto Guaspari Sudbrack, a sentença foi julgada procedente naquela comarca. A ré foi condenada a pagar uma indenização de 20 salários mínimos e as custas do processo e honorários advocatícios. Conforme registrado em seu voto, Sudbrack salienta que o dano “é inerente ao fato de a demandante ter sido preterida em vaga de trabalho exclusivamente em virtude de sua opção sexual, sendo tratada de forma deselegante e ofensiva pelo funcionário da demandada, fato presenciado por outras pessoas”. O *site* www.empregos.com.br, na seção denominada “Comportamento”, destaca que atualmente é mais comum encontrar homossexuais em profissões liberais e autônomas, por ser um mercado mais aberto.

Nessa perspectiva, percebe-se que, dentre os estabelecimentos comerciais que concedem espaços de trabalho para profissionais autônomos, os salões de beleza têm tradicionalmente utilizado a mão-de-obra homossexual. Logo, faz-se necessário refletir sobre a relação entre a atividade profissional e a construção da identidade homossexual, observada a partir de práticas discursivas, que incluem uma linguagem cifrada, nem sempre inteligível para os interlocutores.

²⁷ Disponível em:

<http://www.tj.rs.gov.br/site_php/noticias/mostranoticia.php?assunto=1&categoria=1&item=39092>
Acesso em: 12 mar. 2009.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O presente capítulo está organizado em três seções. A primeira seção – *Atividade de trabalho* – expõe reflexões relativas às atividades realizadas em situação de trabalho. A seguir, a segunda seção – *Construção da identidade* – aborda questões relativas à constituição da identidade na atualidade. Na terceira – *Abordagem dialógica da linguagem* –, são apresentados conceitos básicos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, como as noções de linguagem, dialogismo e sujeito dialógico.

2.1 ATIVIDADE DE TRABALHO

O trabalho sempre ocupou lugar central nas diferentes comunidades em tempos diversos, seu conceito vem evoluindo à medida que o cenário econômico e político se transforma e, com ele, a concepção que a sociedade e as pessoas têm sobre o que significa trabalhar. Juntamente com esse progresso, surge a necessidade de se observar mais de perto, por meio de aportes teóricos, o que é vivido nos ambientes de trabalho, as relações existentes, o que proporciona a abertura para um campo de novas análises em que se valoriza a dimensão intersubjetiva nos processos laborais.

No final do século XIX, com a chegada do taylorismo, *o trabalho prescrito*, sob a forma de *tarefa*, desenvolveu-se, buscando prescrever tempos, regras e movimentos, de forma a ditar modos operatórios (LAVILLE, TEIGER & DANIELLOU, 1989). O método taylorista previa um trabalhador que executasse as tarefas de maneira mecânica e repetitiva, sem considerar a dimensão humana das práticas laborais, as quais são geridas por sujeitos que pensam e fazem escolhas.

Refutando a concepção taylorista e seguindo os princípios da ergonomia da atividade que considera a distância entre o que é prescrito e o que é realizado, surge a ergologia, uma abordagem pluridisciplinar que valoriza a singularidade da atividade e, por isso, necessita de várias disciplinas para constituir seu embasamento teórico, como a filosofia, sociologia e lingüística. A ergologia foi desenvolvida por Yves Schwartz, na França na década de 80, e partilhada com a

equipe Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail – APST²⁸, na Universidade de Provence. Seu precursor admite que o surgimento se deu num “contexto de mudança – do trabalho e da sociedade” (SCHWARTZ, 2006, p.458).

Com a perspectiva ergológica, Schwartz (2006) aborda a atividade humana de trabalho como uma atividade industriosa que envolve um debate permanente de normas, quais sejam: as “normas antecedentes” (horários, objetivos, planejamentos, prescrições etc.) em diferentes instâncias (locais, regionais, nacionais), que preexistem a toda forma de atividade concreta, e as “renormalizações” (retrabalho das normas, organização viva do trabalho, dinâmica histórica). De acordo com Schwartz (2007), as normas constituem nosso dia-a-dia, pois são necessárias para a vida em comum, em sociedade; no entanto, sempre fazemos escolhas e as retrabalhamos. Na atividade de trabalho, é impossível repetir uma tarefa, uma prescrição, uma vez que as renormalizações são permanentes. Como sempre há variabilidades a serem geridas, emergem singularidades que garantem a preservação da dimensão de “inconclusividade”, tensão entre formas organizadas de trabalho (coletivo) e experiências subjetivas (constituídas na relação com o outro).

Todo ser humano, conforme Schwartz (1997), é atravessado por uma dramática de uso de si, que tanto pode ser “uso de si pelos outros” (métodos, prescrições, coletivo) como “uso de si por si” (foco na renormalização, na história). O “uso de si por si” remete ao inantecipável, à experiência pessoal. Sob esse enfoque, o pesquisador desenvolve a noção de “corpo si” como uma dimensão que indissocia o corpo físico e a mente. O “corpo si” é fruto da interação social e abrange toda a dramática de uso de si: memória, emoções, maneiras de lembrar ou não, posição postural, voz etc. Por isso, toda atividade de trabalho é sempre uma série de dramáticas de um “corpo si”, integrado, que sintetiza diversas dimensões do ser humano. O “corpo si” é histórico, não é um corpo biológico, e todo trabalhador é sempre atravessado por valores e saberes, que variam entre diferentes dimensões,

²⁸ O grupo iniciou suas atividades nos anos 80, a partir da união do filósofo Yves Schwartz, do lingüista Daniel Faïta e do sociólogo Bernard Vuillon. Quinze anos depois das primeiras atividades, o grupo APST, que fazia parte do Departamento de Filosofia, passa a constituir um departamento autônomo, oficializado em setembro de 1998: o Departamento de Ergologia-APST (SANT’ANNA, 2000, p.8).

graus mais ou menos individuais ou gerais, que emergem no debate de normas (SCHWARTZ, 2007; SCHWARTZ e DURRIVE, 2007).²⁹

Sob esse enfoque, a atividade de trabalho, no conjunto das atividades humanas, pode ser observada pela linguagem, já que “a linguagem no trabalho é rica”:

[...] A partir do momento em que se leva a sério a atividade, chega-se à conclusão de que há realmente alguma coisa a ser vista no trabalho. Nesse momento, reintegram-se as trocas linguageiras envolvidas nessa tensão geral que compreende toda atividade. Procura-se compreender tais construções linguageiras – que, à primeira vista, são surpreendentes – como sendo subversões da linguagem, invenções mais ou menos bem ajustadas às situações locais e que, portanto, as acompanham e permitem sua eficácia, ainda que sejam com frequência estritamente incompreensíveis para quem não se encontre na referida situação – o que é normal: incompreensíveis, justamente porque estão sendo criadas em função da singularidade da situação e dos problemas singulares colocados pela situação. (SCHWARTZ; DURRIVE, 2007 p.136)

A citação vem ao encontro da reflexão proposta por este estudo, uma vez que evidencia a importância da linguagem em situação de trabalho, especialmente quando faz emergir singularidades do trabalhador e da sua atividade de trabalho. É nessa perspectiva que se pode entender que a profissão de cabeleireiro constitui-se como uma atividade social, linguageira, na qual existe uma interação entre os interlocutores num contexto histórico, configurando uma forma de socialização e de construção identitária.

Considerando tais reflexões, é válido observar, conforme entende Vion (*apud* ALGODOAL, 2002), que o sujeito se constitui exclusivamente se socializando, isto é, interagindo com outros indivíduos. Ressalta-se aí a importância de um posicionamento recíproco dos interlocutores e do desenvolvimento da interação verbal nas práticas profissionais a fim de se produzirem diferentes sentidos e identidades. A linguagem e o trabalho, nessa perspectiva, são atividades importantes na práxis do indivíduo, uma vez que transformam o meio social e permitem trocas e negociações variadas.

Na atividade profissional, trabalhadores mobilizam diferentes valores, saberes e experiências, pois cada um traz uma bagagem histórica diferente que vai

²⁹ Parte integrante do artigo *Linguagem, trabalho e produção de subjetividade*, de Caetano e Di Fanti (2009), publicado nos Anais do VI Congresso Internacional da Abralín.

se revelando no diálogo com outras atividades. Tanto as práticas coletivas, partilhadas por um grupo, como as individuais, restritas a um dado público, integram o trabalho dos sujeitos e não deixam de mostrar facetas da construção heteronormativa das identidades.

Por esse motivo, torna-se importante a reflexão da relação entre linguagem e trabalho, discutindo diferentes dimensões de abordagem, como as desenvolvidas por Nouroudine (2002), que propõe uma reflexão sobre a linguagem destacando o seu caráter revelador da complexidade do trabalho em três dimensões interdependentes: linguagem *como* trabalho, *no* trabalho e *sobre* o trabalho.

A linguagem *como* trabalho relaciona-se à linguagem como elemento constitutivo da atividade de trabalho, ou seja, uma linguagem que faz, voltada para o fazer. O trabalho do cabeleireiro, nessa perspectiva, é atrelado à linguagem, que se materializa em diferentes gêneros discursivos, entendidos como atividades com estabilidade relativa (BAKHTIN, 2003). Nouroudine discerne três níveis de linguagem *como* trabalho. No primeiro nível, o protagonista se reporta aos envolvidos em uma atividade executada. Já no segundo, são enfocadas as falas que o trabalhador dirige a si próprio como orientação. Nesse caso, as palavras, possivelmente, acompanham o fazer, explicitamente ou não. Por fim, no terceiro nível, o pensamento ocorre simultaneamente ao fazer, sem obrigatoriamente passar pelo recurso da palavra; é o denominado nível “mínimo dialógico”, que remete à concepção bakhtiniana de que a concretização de um enunciado exige a antecipação de um outro (NOUROUDINE, 2002, p.20).

A linguagem *no* trabalho é uma linguagem circundante, que ultrapassa as fronteiras profissionais, fazendo imbricar diferentes saberes, partilhados somente por quem convive com um determinado grupo de indivíduos. No entanto, torna-se relevante saber que as práticas languageiras *no* trabalho, ainda que não desempenhem uma função de influência direta na produção da atividade, podem se mostrar como uma necessidade para a própria manutenção da mesma, ainda quando sua relevância não é reconhecida. Muitas vezes, uma conversa sobre frivolidades, como passeios, música, moda etc., pode atenuar momentos de tensão e de cansaço em determinadas atividades, o que revela sua importância na atividade de trabalho. Para Nouroudine (2002), a análise da linguagem *no* trabalho é tão importante quanto a análise da linguagem *como* trabalho, visto ser necessário

analisar a situação global em que os saberes sobre o trabalho são produzidos, observando que o encontro da situação com a experiência se dá pela linguagem.

Já a linguagem *sobre* o trabalho é a linguagem que interpreta, aquela que está relacionada às manifestações avaliativas de uma situação de trabalho objetivando a ação, ou seja, além de ser observada na atividade produtiva, pode também resultar de uma solicitação do pesquisador para que o trabalhador fale acerca de seu trabalho. Lacoste (*apud* NOUROUDINE, 2002) declara que, “longe de ser apenas um artifício do pesquisador que impõe esse tema aos operadores, a fala sobre o trabalho é, às vezes, motivada de seu próprio interior, por exigências da equipe ou da empresa”. Lacoste destaca ainda a possibilidade dos colegas solicitarem “o trabalho para comentá-lo ou avaliá-lo, para lembrá-lo, para se justificar, ou por mil razões surgidas no momento” (p.25). Sob esse prisma, Nouroudine menciona a importância de se questionar acerca de “quem fala”, “de onde fala” e “quando fala” para que se compreenda onde se situa o campo de validade e de concernência da linguagem sobre o trabalho. Conclui seu pensamento destacando que a linguagem *sobre* o trabalho se encontra imbricada com a linguagem *no* trabalho e com a linguagem *como* trabalho.

A partir da atividade de trabalho em salão de beleza em que os sujeitos dialógicos estão envolvidos e das práticas languageiras constitutivas das interações, torna-se relevante a observação de como se constroem discursivamente as identidades dos cabeleireiros. Para tanto, faz-se necessário discorrer sobre a construção da identidade a partir da perspectiva dos estudos culturais, praticados por Stuart Hall e Zygmunt Bauman.

2.2 CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Quando há a proposta de estudar e entender o processo de construção identitária de um sujeito, deve-se levar em consideração que a identidade é construída no e pelo discurso e que através da análise da complexidade que permeia as interações sociais pode-se compreender como ocorre este processo. O tema identidade, como salienta Bauman (2005), vem sendo amplamente discutido no campo dos Estudos Culturais:

É realmente um dilema e um desafio para a sociologia – se você se lembrar de que, há apenas algumas décadas, a “identidade” não estava nem perto do centro de nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica. Atualmente, no entanto, a “identidade” é o “papo do momento”, um assunto de extrema importância e evidência. (p.22-3)

A noção de identidade pode compreender perspectivas diferentes em determinados pontos dependendo do autor que se toma como referência, o que gera, muitas vezes, relações tênues e conflitantes na definição do conceito. Acompanhando o raciocínio de Stuart Hall (2006), pode-se aludir que a identidade passa a ser um tema de grande importância num contexto, como o atual, no qual as identidades não mais se referem a grupos homogêneos ou etnias. Numa modernidade denominada como "líquida" por Bauman (2001), as identidades também se tornam móveis. Assim, tornam-se heterogêneas e em processo de contínua construção.

Hall, em sua obra *Identidade cultural na pós-modernidade* (2006), propõe uma abordagem de identidade que, contestando toda forma de estabilização, enfatiza a fragmentação do indivíduo e o surgimento de novas identidades. A emergência dessas mudanças o faz colocar em discussão uma possível “crise de identidade”, em que o indivíduo deixa de encontrar ancoragens estáveis no mundo social. O livro traz também um estudo sobre a identidade cultural na pós-modernidade, fazendo um mapeamento dos acontecimentos e das mudanças históricas que influenciaram a constituição do sujeito contemporâneo. Para desenvolver sua reflexão sobre a superação de toda forma essencialista ou fixa de identidade, o estudioso examina três concepções de identidade em relação a três abordagens de sujeito: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo é visto como indivíduo centrado, fixo, uno e racional. Hall o descreve como um ser "cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou ‘idêntico’ a ele - ao longo da existência do indivíduo" (HALL, 2006, p.10). Assim, observa-se que esse sujeito tem uma visão “individualista” do ser humano e da sua identidade. Essa concepção foi um reflexo do pensamento cartesiano que via na mente do indivíduo uma essência única norteando sua individualidade. Ao mesmo tempo, a falta de mobilidade social e as fortes influências do Estado e da Igreja serviam como aparato

estabilizador das identidades, vinculando-as a uma delimitação geográfica e a uma condição nata do indivíduo.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005) acompanha a linha de pensamento de Hall quando afirma que esta vinculação da identidade à “natividade do nascimento” foi crucial para a legitimação do Estado.

A ficção da “natividade do nascimento” desempenhou o papel principal entre as fórmulas empregadas pelo nascente Estado moderno para legitimar a exigência de subordinação incondicional de seus indivíduos (de alguma forma, curiosamente, desprezada por Max Weber em sua tipologia das legitimações). (BAUMAN, 2005, p.27)

Já o sujeito sociológico é descrito por Hall (2006) como aquele que “refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele” (p.11). Essa abordagem entende que o sujeito possui um núcleo, algo que é da sua essência “interior”, que vai se preencher com o “exterior”. A dualidade entre dentro / fora (mundo pessoal / mundo público) procura estabilizar “o sujeito à estrutura” (p.12) de modo a tornar o mundo social mais predizível. Nessa visão, a identidade é constituída na interação simbólico-cultural do indivíduo com a sociedade. Hall (2006) menciona como grandes influenciadores dessa visão o pensamento de Marx, Darwin e Adam Smith.

A concepção identitária que parte do sujeito sociológico tem o trabalho como um dos elementos centrais, na medida em que ele é entendido como a forma de relação do homem com a natureza, construindo a sociedade tal como a conhecemos, dentro de uma concepção de desenvolvimento sócio-historicamente definida. Sob esse contexto, Bauman (2005) destaca que na interação com a sociedade, ou sua realidade próxima, o indivíduo constrói uma história, ou seja, sua biografia de vida em uma lógica delineada.

Quando a modernidade substituiu os estados pré-modernos (que determinavam a identidade pelo nascimento e assim proporcionavam poucas oportunidades para que surgissem a questão do “quem sou?”) pelas classes, as identidades se tornaram tarefas que os indivíduos tinham de desempenhar [...] por meio de suas biografias.[...] Quando se trata de pertencer a uma classe, é necessário provar pelos próprios atos, pela “vida inteira” – não apenas exibindo ostensivamente uma certidão de nascimento –, que de fato se faz parte da classe a que se afirma pertencer. Deixando de fornecer essa prova convincente, pode perder a qualificação de classe, tornar-se déclassé. (BAUMAN, 2005, p. 55-56)

Observa-se que o sujeito sociológico tornou-se o representante da figura da modernidade no século XX, pois corrobora com o projeto social que tem como propósito unir o trabalho e o progresso. Porém essa visão sociológica de sujeito vem à tona quando, nas palavras de Bauman (2005), o Estado de bem-estar social mostra a falência desse modelo. Isso se deu no momento que a identidade das pessoas era determinada essencialmente pelo papel desempenhado – produção – na divisão social do trabalho. Assim, o Estado garantia a fixação e a durabilidade desse papel, e determinava quando os indivíduos poderiam cobrar do Estado as responsabilidades assumidas.

A última concepção – a do sujeito pós-moderno – o vê como sendo formado não de uma única, mas de muitas identidades, que por vezes são contraditórias ou não resolvidas. Mudanças estruturais, como de classe, gênero, sexualidade etc., estão fragmentando as identidades culturais, as quais, se antes eram consideradas sólidas localizações, em que o sujeito moderno se enquadrava socialmente, hoje se encontram com limites menos definidos, provocando no sujeito pós-moderno uma crise identitária. Essa crise de identidade acontece uma vez que o que antes estava centrado e estável não está mais, gerando a fragmentação do sujeito, o qual não possui uma identidade em essência ou permanente. Desse modo, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente” (HALL, 2006, p.13). Observa-se que a identidade é percebida como um processo de construção contínua, na medida em que ganha um caráter provisório, como salienta Bauman (2005, p.22): “A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem ser mais ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente”; nota-se, por conseguinte, que a natureza única, fixa, imóvel, coerente e completa é uma ilusão.

Ainda que Bauman (2005) constata a fragmentação do sujeito contemporâneo, apresenta uma abordagem diferente, porém complementar à de Hall. De acordo com a obra *Identidade*, de Zygmunt Bauman (2005), não devemos mais pensar a identidade como fixa e sim buscar compreender melhor o que possa ser a identidade em meio aos valores “líquidos” de uma sociedade que está em constante transformação. Atenta-se ainda, na chamada modernidade líquida, um mundo ilusório causado pelas inseguranças que a vida proporciona aos indivíduos. Na mesma obra foram analisadas mudanças ocorridas em decorrência da globalização e do conseqüente multiculturalismo. Segundo o autor, alguns

segmentos como o mal-estar social, a insegurança e a privatização da esfera pública auxiliam num desgaste do caráter, que nitidamente se notam no comportamento e nas decisões tomadas pelos indivíduos. Percebe-se então, a partir das leituras realizadas, que Bauman e Hall corroboram a respeito do quão impactante é a globalização sobre a identidade. É nesse contexto que se pode verificar a versatilidade da identidade, em que o sujeito se representa discursivamente com identidades diferentes dependendo do contexto em que está situado:

[...] parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. (HALL, 2006, p.87)

Nota-se, a partir da citação de Hall, que as conjecturas do pensamento moderno passam por um deslocamento, no qual o indivíduo deixa de ser centrado, universal e essencial; sua identidade não é mais concebida como algo fixo e inato desde o nascimento, quando as redes de significações, simbólicas e de identificação passam a ter um papel importante; a linguagem passa a ser entendida como um sistema que cria significados mutáveis nos nossos sistemas culturais, não mais um sistema individual.

Kathryn Woodward (2005) também aborda a questão da globalização e trabalha com a noção de crise de identidade, tendo como pressuposto que a crise é ocasionada pelas mudanças constantes no cenário da globalização, que ora produz novas identidades, baseadas nos deslocamentos, ora reforça identidades locais e nacionais, as quais são abaladas quando é constatada a fluidez das identidades em geral. Ainda, a partir de Woodward (2005), são apontados três aspectos para se pensar a respeito das crises de identidade: a história, as mudanças sociais e os novos movimentos sociais. A procura por uma verdade histórica ou um passado autêntico está no fundamento da legitimação das identidades nacionais e étnicas. Desse modo, essa concepção remete a uma história estática e com uma verdade cristalizada. Nessa direção, a crise se aloja na perda de uma identidade legítima, pois, a partir da interação entre o passado, geralmente glorioso, com o presente modificado, vão se construindo novas e fragmentadas identidades.

Conseqüentemente, quando se diz *eu sou heterossexual, eu sou bissexual, eu sou homossexual*, essas identidades, ou seja, essas certezas de quem somos/fomos aos poucos perdem território, já que são constantemente reposicionadas. Observa-se, portanto, o declínio das velhas concepções identitárias que estabilizavam o mundo social, pois surgem “novas identidades que fragmentam o indivíduo moderno” (HALL, 2006, p.7). Constata-se assim que o conceito de identidade tomou uma nova direção, voltando-se para o seu descentramento, fragmentação e constante processo de formação. Observa-se, assim,

[...] que as identidades nunca são unificadas; que são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas nunca são singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que se cruzam e até podem ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicidade radical, constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p.108)

O que se percebe é que as identidades são vistas como construções sociais e, logo, discursivas, já que aprendemos a ser quem somos nas trocas diárias. Nessa perspectiva, no que tange à homossexualidade, não seria pertinente defini-la como uma identidade rígida e plenamente delineada, mas sim como dinâmica em relação a homossexualidades, heterossexualidades, masculinidades etc (MOITA LOPES, 2003). Essa abordagem significa aceitar as identidades culturais, ao não possuírem base imutável no decorrer da história, como dinâmicas e construídas de forma múltipla, nos diferentes discursos, práticas e posições sociais.

Tal postura remete à pluralidade, dinamicidade e hibridização como pressuposto da construção identitária. Nessa direção, pensando no objeto de estudo deste trabalho, é válido destacar as palavras de Woodward (2005, p.39) ao mencionar que “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença”, ou seja, um indivíduo ao assumir, por exemplo, que é *homossexual* está se diferenciando, naquele momento, daqueles que se dizem heterossexual. A identidade, nesse contexto, é “aquilo que se é” e a diferença é “aquilo que o outro é” (SILVA, 2005, p.74). Logo, torna-se evidente a existência de uma relação de interdependência dinâmica entre identidade e diferença.

A construção de significados culturais e sistemas classificatórios de marcação de diferenças é, na visão de Woodward (2005), um modo de organização da vida social. À vista disso as posições sociais estariam estabelecidas entre

insiders (incluídos) e *outsiders* (excluídos). Os grupos classificados como excluídos seriam passíveis de controle social segundo os padrões do grupo que domina e dita a utópica “normalidade”.

A produção da identidade e da diferença pode ser o resultado de atos de criação lingüística; tudo leva a crer que a produção surge por meio dos atos de linguagem. A tendência, segundo Silva (2005, p.76-77), é tomarmos a identidade e a diferença (como “fatos da vida”, que por conseqüência necessitam ser nomeados. Parece claro que é por meio do processo enunciativo que instituímos a identidade e a diferença.

Assim, como atos lingüísticos, a identidade e a diferença estão muito ligadas aos signos e aos elementos que constituem uma língua. Em Silva (2005) constata-se que o significado de um vocábulo não possui valor absoluto se considerado de forma isolada; o signo tem sentido e se identifica quando é contextualizado. Conseqüentemente os elementos que constituem a identidade e a diferença possuem sentido quando ligados a uma cadeia de relações.

Desse modo, a identidade é reconhecida como uma construção social, produzida a partir de operações de identificação e diferenciação. Observada, a partir dessa noção, entende-se que a identidade é relacional, sustentada pela exclusão e marcada por meio de símbolos e representações. No entanto, Woodward (2005) menciona que é preciso não esquecer que essa construção é tanto simbólica quanto social, mas a luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e conseqüências materiais: “A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças [...] são vistas como mais importantes do que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares.” (p.11)

A autora considera relevante observar que a identidade só faz sentido se houver uma relação com o “outro”: “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2005, p.14), ou ainda, “a identidade [...] não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença” (p.39). Isso mostra o envolvimento e a associação que a questão identitária tem com a alteridade que o indivíduo tem consigo e como ele se relaciona com o outro, e isso reforça seu caráter social.

É possível compreender, em uma abordagem discursiva mais ampla, no caso a perspectiva dialógica, a relação dinâmica de interdependência entre identidade e alteridade, em que o “eu” (um complexo “nós”) pode se constituir e

reconhecer em relação ao “outro”, seja por aproximação, graus dialógicos de identificação, seja por distanciamento, graus dialógicos de diferença.

2.3 ABORDAGEM DIALÓGICA DA LINGUAGEM

O Círculo de Bakhtin³⁰, ao pressupor o caráter social da linguagem, proporciona recursos para a sua compreensão em diferentes práticas humanas. Nesta seção, são trabalhadas algumas das noções desenvolvidas pelo Círculo, que contribuem para esta investigação, como é o caso de aspectos relativos à linguagem, dialogismo e sujeito.

Pode-se afirmar que o século XX trouxe marcantes modificações à Lingüística. Um dos nomes de grande destaque é o do suíço Ferdinand Saussure, reconhecido como fundador das bases da Lingüística Moderna. Para ele a língua (*langue*), seu objeto de estudo, é sistemática, objetiva e homogênea; em síntese, a língua é vista como um sistema de signos que exprimem idéias. O signo lingüístico resulta da união de uma imagem acústica (significante) com um conceito (significado), sendo arbitrário, linear, imotivado e (i)mutável. Saussure vê a *langue* como social no sentido de troca sonora entre indivíduos, pois não sofre nenhuma influência do meio, estrutura e ideologia dominante, ou seja, a língua é somente forma. Evidencia-se a desfocalização do autor com relação à fala (*parole*), pois essa é concebida como individual e, assim, heterogênea e irregular, como fica evidente em *Curso de lingüística geral*:

[...] com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual: 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. A fala é, ao contrário, um ato Individual de vontade e de Inteligência no interior do qual convém distinguir: primeiramente, as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua para exprimir seu pensamento pessoal; em segundo lugar, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar estas combinações. (SAUSSURE, 2002, p.22)

Nessa época – primeira metade do século XX –, na Rússia, surgiram os significativos estudos de Bakhtin – conhecido como um teórico fundamental da

³⁰ Círculo de Bakhtin compreende um grupo multidisciplinar de intelectuais apaixonados por filosofia que se reunia regularmente, de 1919 a 1920, para debater idéias. Seus principais integrantes são M. Bakhtin, V. N. Volochinov e P. N. Medvedev. (FLORES; TEIXEIRA, 2005)

linguagem – e de seu Círculo, que se diferenciam de Saussure por entenderem a língua não como um sistema abstrato, mas como uma criação coletiva, integrante de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”, entre muitos “eus” e muitos “outros”. Contudo, faz-se necessário salientar que Bakhtin não dispensa os estudos saussureanos, mas os ultrapassa ao considerar a enunciação, o sujeito, a dinamicidade da língua. O signo para Bakhtin, diferentemente da perspectiva saussureana, é um elemento de natureza ideológica: “tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo, [...], tudo que é ideológico é signo. Sem signos não existe ideologia”. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.31). Assim, é pertinente observar que o signo é carregado de significações ideológicas.

Faraco (2006, p.48) menciona que, para o Círculo de Bakhtin, “os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão entre seres socialmente organizados [...] para estudá-los é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação”. Por conseguinte, os signos/enunciados terão diferentes sentidos, conforme o contexto.

Bakhtin/Volochinov (2006) chama a atenção para a língua como uma atividade social, na qual todo ato comunicacional é um diálogo com enunciados que a precedem, bem como a sucedem. Percebe-se, portanto, que a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua e, assim, a realidade fundamental da interação verbal é seu caráter dialógico:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações, a interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.127)

A partir de tais observações, faz-se necessário discorrer sobre o desenvolvimento da noção de uma das categorias básicas do pensamento bakhtiniano: o dialogismo (BAKHTIN, 1997, 1998, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). Para os estudos do filósofo russo e seu Círculo, o diálogo vai muito além da conversa face-a-face, isto é, “ao encontro fortuito de dois seres empíricos isolados e auto-suficientes, soltos no espaço e no tempo, que trocam enunciados a esmo.” (FARACO, 2003, p.62). Ou seja, a atenção se volta para o poder ideológico que impregna o conteúdo enunciativo.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin (1997) observa que a língua, para a lingüística do sistema, é vista como signo lingüístico, em suas relações sintático-composicionais, semânticas, dentro do sistema da língua e nos limites do texto. Propõe, no entanto, a metalingüística que estuda a língua concebida como discurso, considerando os enunciados e suas relações dialógicas. Prima-se assim pela “língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (BAKHTIN, 1997, p.181).

Desse modo, é possível perceber que a lingüística e a metalingüística estudam a língua, porém sob diferentes visões. Aquela leva em conta apenas a dimensão da língua em sua abstração no sistema, enquanto esta – assumida por Bakhtin – considera o discurso e sua dimensão extraverbal. O autor assegura que

[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. (BAKHTIN, 2003, p.274)

Pode-se depreender a partir das leituras bakhtinianas que as relações dialógicas – aspectos extralingüísticos – estão no centro da teoria bakhtiniana, assim como a concepção de linguagem como interação verbal está para a materialização do discurso. O discurso, portanto, nasce no diálogo: ele é sempre orientado para a resposta-ativa do interlocutor que, por sua vez, participa da formação do discurso:

[...] Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada. O discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já-dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo. (BAKHTIN, 1998, p.89)

A linguagem diz respeito a uma atividade que, realizada sob diferentes formas, como gestos, sinais, sons, símbolos e palavras, concretiza-se nas interações sociais. Nessa acepção, a linguagem é constituída na relação com o outro, pois se realiza como prática socialmente desenvolvida, em que brotam diferentes

experiências (passadas, presentes e projeções futuras). Constituída heterogeneamente, a linguagem é histórica, dinâmica e ideológica, não podendo ser considerada como um ato individual de um sujeito falante. Ela varia de época para época, de região para região, de situação para situação, de interação para interação, nunca estando completa, sendo um projeto sempre por acabar.

Nesse contexto, a língua, para Bakhtin/Volochinov (2006), foge da visão de mera estrutura e é compreendida principalmente a partir de seu uso concreto, considerada como atividade social, em que o importante não é o produto, mas a enunciação, o processo verbal, o trabalho empreendido por seus usuários. A verdadeira substância da língua é constituída “pelo fenômeno social da interação verbal, realizada por meio da enunciação ou das enunciações” (p.127), o que remete ao princípio do dialogismo.

Logo, a enunciação é o resultado da interação entre indivíduos socialmente ligados pelo fluxo da interação verbal. A “palavra” se transforma ganhando significados diversos, ou seja, “na prática viva da língua, a consciência lingüística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular”. Ainda apreende-se que “para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C...” (p.98). Nota-se, assim, que o ponto de vista bakhtiniano aponta que toda palavra comporta dois lados ou dois momentos, sendo determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém, funcionando justamente como produto da interação entre ambos:

Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia em mim numa extremidade, na outra se apóia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e interlocutor. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.117)

Assim, a palavra torna-se o signo ideológico responsável pelas transformações sociais. Faraco, em *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin* (2003), procura esclarecer qual o sentido que a palavra “ideologia” adquire nos textos produzidos pelo Círculo de Bakhtin:

Algumas vezes, o adjetivo *ideológico* aparece como equivalente a *axiológico*. Aqui é importante lembrar que, para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, *sempre ideológico* – para eles, não existe enunciado não ideológico. E ideológico em dois sentidos: qualquer enunciado se dá na esfera de uma das ideologias (i.e., no interior de uma das áreas da atividade intelectual humana) e expressa sempre uma posição avaliativa (i.e., não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica). (FARACO, 2003, p.46)

No que se refere à última acepção de ideologia, Bakhtin (2006) salienta que classes sociais distintas utilizam o mesmo sistema linguístico e que, conseqüentemente, os signos são impregnados de valores axiológicos contraditórios. Em virtude disso, segundo o filósofo russo, “o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (p.47). E nesse embate, a classe social dominante tenta tirar do signo seu caráter plurivalente, ocultar seus traços ideológicos e transformá-lo em monovalente (p.48). É possível perceber, considerando as observações precedentes, que o vocábulo “ideologia” nos estudos bakhtinianos não deve ser tomado em seu sentido restrito, linear, negativo ou simplesmente fechado, e sim, como fonte de irradiação da criatividade humana. Por isso os signos não podem ser desligados da realidade concreta em que foram criados. Esse é o sentido que a concepção bakhtiniana dá ao termo.

Em vista disso, seu conteúdo valorativo irá desvelar as posições de uma determinada sociedade, seus valores e suas crenças, que ora se explicitam, ora se confrontam, determinando a chamada ideologia do cotidiano. Nesse momento “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.42). Desse modo, a palavra se define como enunciado, ou seja, se dá como um elo na rede discursiva que, renovada a cada situação por diferentes acentos valorativos (o que remete ao “tema”), tem algo do nível da estabilidade, a “significação”.

A diferenciação entre tema e significação para Bakhtin/Volochinov (2006) requer especial atenção, em função de sua especificidade. O tema, embora não dispense as formas lingüísticas, é constituído por elementos não verbais da situação” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p.133), sendo irrepetível, já que cada momento histórico é singular. O tema é concreto, mas irredutível à análise, e é construído pelo conjunto de elementos que compõem a enunciação; entretanto, no

cerne de cada tema existem componentes “reiteráveis e idênticos” (significação), repetidos em diferentes enunciações, que são os vocábulos, as frases.

Alguns cuidados devem ser tomados com relação à significação e ao tema no que diz respeito à compreensão. No processo responsivo ativo, é primordial reconhecer o tema na relação com a significação, sem dar a ela prioridade no que concerne à vinculação a um sentido sempre estável e idêntico. Assim sendo, deve-se contemplar o acento valorativo como parte desencadeadora do enunciado, da palavra e da produção de diferentes interpretações.

Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p.137)

Observa-se que Bakhtin concebe a palavra como o modo mais sensível de relação social, uma vez que se faz presente em todos os âmbitos da sociedade, pois é o produto da interação entre o enunciador e seu co-enunciador.

O dialogismo é uma propriedade inseparável da linguagem e da construção de sentidos. Quando enunciamos (e fazemos isso por meio de enunciados concretos), estamos respondendo a algo, isto é, a enunciados anteriores, ao mesmo tempo em que antecipamos respostas futuras. Dessa forma, o enunciado é dialógico, configurando-se como um elo na cadeia de comunicação discursiva. Também o locutor é dialógico, pois, além de responder e antecipar respostas, possui atitude ativa frente a outros enunciados e sujeitos. O diálogo, desse modo, está na base das relações humanas, no vínculo entre o “eu” e o “outro”, e essa ligação aparece sob a forma de interação verbal.

Importante salientar que o que torna a compreensão de um enunciado possível é aquilo que é presumido pelo outro. Di Fanti (2009 p. 182) associa a proposição da palavra como “fenômeno ideológico por excelência” (Voloshinov) com o fato de suscitar uma atitude responsiva. Assim, a compreensão de qualquer enunciação é sempre ativa, orienta-se pelo contexto e já contém a origem de uma resposta. Bakhtin afirma que, para cada palavra a ser compreendida, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica, uma vez que o sujeito traz em si vozes que o antecederam, um mundo que já foi articulado,

compreendido diferentemente. A compreensão é, então, uma forma de diálogo, que suscita uma resposta ativa, já que “toda compreensão é prenhe de resposta e, nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2003, p.271).

As relações dialógicas, como observa Bakhtin (1997), são relações de sentido entre enunciados diversos e, por isso, proporcionam o desencadeamento de diferentes efeitos: consonância, discordância, reiteração, confronto etc. Por conseguinte, tais relações vão constituindo histórica e ideologicamente a atividade discursiva, o que implica interações complexas, nem sempre aparentes. Nesse contexto, a língua é compreendida a partir de seu uso concreto, como atividade social, em que o importante é a enunciação, o processo verbal, o trabalho empreendido por seus usuários (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006). Depreende-se, então, que o princípio dialógico é constitutivo de diferentes noções, como linguagem e sujeito, o que marca a abordagem histórica e inter-relacional das enunciações como fator determinante da construção de identidades.³¹

Nessa perspectiva, o sujeito é construído no e pelo discurso, e, além de responder e antecipar respostas, possui atitude ativa frente a outros enunciados e sujeitos. É possível observar, desse modo, que o dialogismo está na base das relações humanas, no vínculo entre a vida e a língua, na complexa interação entre o dinâmico e heterogêneo “eu” e o indeterminado “outro” (BAKHTIN, 2003). Teixeira (2000) salienta que, em Bakhtin, a constituição do sujeito ultrapassa a relação com o co-enunciador imediato e “vai na direção de um outro que fala por nós, que contém a memória coletiva – lugares comuns, estereótipos, já-ditos –, discursos em relação aos quais cada sujeito é obrigado a situar-se” (p.187). Nota-se que a noção de sujeito que Bakhtin propõe, no conjunto de sua obra, proporciona o entendimento do sujeito do discurso como um sujeito social e histórico. Portanto, é um sujeito que se constitui no discurso, dialogando com o outro (em sentido amplo), o que permite considerar a subjetividade como a própria intersubjetividade.

O sujeito, não sendo o senhor de seu dizer e nem assujeitado a uma instituição histórico-social, é habitado, como afirma Faraco (2003), por “uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias; e em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um

³¹ Baseei-me aqui no artigo *Linguagem, trabalho e produção de subjetividade*, de Caetano e Di Fanti (2009), publicado nos Anais do VI Congresso Internacional da Abralín.

contínuo devir” (p.81). Nos enunciados dialógicos, históricos e ideológicos, o sujeito deixa marcas de sua inscrição valorativa, que podem ser observadas, dentre outras formas, não só pela relação com o próprio objeto do discurso, mas também com os enunciados do outro sobre o mesmo objeto (BAKHTIN, 2003).

Enunciar, dessa forma, é responder, atribuindo valor ao que se diz e aos outros dizeres, é se posicionar ideologicamente em relação ao outro. A expressividade, materializada dialogicamente por acentos de valor, situa-se na fronteira entre o verbal e o não-verbal, o dito e o não-dito. Nesse movimento, a palavra se concretiza como produto da interação entre o locutor e o interlocutor, funcionando como uma zona fronteira, um espaço social ideológico que entra em contato com discursos variados. Logo, o enunciado é pleno de palavras dos outros, as quais trazem consigo sua expressão, seu tom valorativo que é assimilado, reelaborado e/ou reacentuado pelos interlocutores (BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006).

O outro, no movimento dialógico, projeta-se a partir de diversos discursos, como outras vozes – posições sociais, opiniões – que coabitam um determinado discurso, nunca concluído. Mesmo havendo um acabamento formal, como a passagem da palavra ao interlocutor (uma projeção discursiva que influencia o dizer), em sua constituição o discurso sempre será inacabado (inconcluso), porque as relações dialógicas nunca cessarão de desencadear sentidos outros. Há de se ressaltar, no entanto, a necessidade de acabamento em nível de compreensão, em que somente o outro pode atribuir sentido, contradiscurso ao que foi enunciado. Assim, na interação entre diferentes planos de expressão, horizontes de valor, o enunciado toma forma.

Por conseguinte, a alteridade – incessante relação com o outro – não apenas é responsável pela transitoriedade e fluidez das construções identitárias, como também é imprescindível para a constituição dinâmica do sujeito dialógico. A materialização da subjetividade acontece pela alteridade, sendo o outro determinante para o desenvolvimento do ato ético, cujas atitudes responsivas em relação a outros sujeitos e discursos não deixam de refratar uma diversidade de vozes em contínuo movimento dialógico.

3 INTERAÇÃO, ATIVIDADE DE TRABALHO E CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA: EXERCÍCIO DE ANÁLISE

Este capítulo está organizado em duas partes, uma referente aos procedimentos metodológicos e outra à análise do material. Para contextualizar a reflexão, são retomados os objetivos da pesquisa.

Como objetivo geral, este estudo visa a analisar práticas discursivas de trabalhadores de um salão beleza, observando características da construção de identidades homossexuais e de seu trabalho. Como objetivos específicos, visa a (i) verificar a interação entre trabalhadores heterossexuais e homossexuais em práticas discursivas do trabalho, (ii) analisar como ocorrem essas práticas discursivas em situação de trabalho de homossexuais masculinos e (iii) apreender aspectos da identidade dos sujeitos homossexuais masculinos nessas situações de trabalho.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, é relevante atentar para o fato de que as teorias usadas nesta pesquisa não apresentam metodologias prontas a serem seguidas e por isso, como pressupõe a teoria bakhtiniana, o pesquisador deve dialogar, em atitude ativa, com o material de investigação, sendo desafiado a criar um caminho próprio de investigação a partir dos princípios seguidos.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

(a) Constituição e seleção do material

O material de análise deste estudo foi constituído a partir das interações presenciadas em um salão de beleza. O referido salão, localizado na cidade do Rio Grande/RS, possui em seu quadro funcional nove trabalhadores, dentre os quais três cabeleireiros, três manicures, uma atendente de lavatório e duas recepcionistas. Parte desses profissionais, em alguns momentos, utiliza uma linguagem cifrada durante a atividade de trabalho, o que acabou motivando esta pesquisa como fora explicitado nas *Reflexões iniciais*.

Considerando tais particularidades, foram feitas gravações em áudio das trocas languageiras e uma posterior entrevista. Interessante esclarecer que, para o desenvolvimento da pesquisa, atentou-se para questões éticas, as quais são

exigidas em estudos que contam com a participação de seres humanos. Além do esclarecimento inicial aos colaboradores em relação aos objetivos e procedimentos do estudo, foi solicitada a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³², documento que apresenta informações sobre o estudo, e o respectivo consentimento, via assinatura, da participação do pesquisado na investigação.

As gravações das interações foram efetuadas durante as visitas da pesquisadora ao salão de beleza, ora somente como pesquisadora, ora como cliente em visitas periódicas, que, como muitas outras freqüentadoras, utiliza os serviços de cabeleireiro, manicure e pedicure. Durante os meses de junho e julho de 2007 e agosto e dezembro de 2008, na parte da tarde, foram realizadas quatro visitas mensais ao salão, desses períodos foram selecionados trechos referentes aos dias cinco e seis de junho de 2007 e cinco de agosto e 21 de dezembro de 2008. No material gravado em áudio, resultante das visitas, pode-se observar diferentes e inúmeras interações, entretanto priorizou-se a seleção daquelas que contivessem a participação dos trabalhadores do salão, em especial trechos em que utilizam linguagem cifrada. Após a transcrição das gravações, foi preciso contar com a colaboração dos cabeleireiros no sentido de auxiliarem a “decodificar” os dizeres cifrados e com o dicionário *Aurélia, a dicionária da língua afiada* (2006) possibilitando, a partir daí, a organização do material para a análise.

No decorrer deste estudo sentiu-se a necessidade de conhecer aspectos da história de vida desses profissionais da beleza que, em determinadas situações, comunicam-se através de linguagem cifrada. Para tanto, optou-se por uma entrevista gravada em áudio que permitisse um questionamento aberto e deixasse os entrevistados à vontade para responder às perguntas. É relevante salientar que a entrevista ocorreu com os três cabeleireiros homossexuais – Rubinho, Nico e Will³³. Esse procedimento aconteceu na segunda quinzena de maio de 2009, no próprio salão de beleza, em lugar reservado, e foram realizadas individualmente com os cabeleireiros. O roteiro de entrevista³⁴, constituído de 15 questões, foi previamente formulado com o fim de melhor compreender a experiência de vida dos entrevistados.

³² Ver anexo A.

³³ Os nomes utilizados são fictícios.

³⁴ Ver anexo B.

(b) Os participantes do estudo

Rubinho é homossexual assumido, casado³⁵ com outro cabeleireiro, tem 30 anos, natural da cidade de Florianópolis/SC e fixou residência em Rio Grande no ano de 2001. Sua profissão atual é de cabeleireiro, porém desempenhou atividades em outros ramos como organizador de eventos e ajudante de cozinha em hotéis. Sua preferência pela área de beleza se deve ao fato de ser um trabalho prazeroso, transformador e lucrativo. Em fevereiro de 2007, tornou-se proprietário do salão de beleza em questão.

O cabeleireiro justifica o uso da linguagem cifrada, falada em determinados momentos no trabalho, ao fato de ser um hábito adquirido a partir do instante que o sujeito assume sua condição de homossexual e passa a conviver no meio *gay* onde esse código é fluente. Segundo Rubinho, esse tipo de linguagem é usada no salão quando há a necessidade de comentar, positiva ou negativamente, a respeito de alguém ou algum acontecimento. A vantagem, para o cabeleireiro, é que não são todas as pessoas que falam ou entendem essa linguagem.

Nico também é homossexual assumido, solteiro, tem 30 anos, é natural da cidade do Rio Grande e atualmente desempenha a função de cabeleireiro no salão de Rubinho, mas anteriormente foi gerente de farmácia. Justifica como um dos motivos da troca de profissão/emprego ao fato de poder expressar sua identidade homossexual através do uso do cabelo mais longo, calça mais apertada, enfim, fazer o estilo “feminino”, ao passo que na gerência de um estabelecimento comercial como uma farmácia isso não aconteceria sem que houvessem problemas.

No que diz respeito à linguagem cifrada, o cabeleireiro a associa a homossexualidade, pois a usa desde a época que tinha 18 anos e se descobriu homossexual. Nico salienta que o uso dessa linguagem ocorre em situações em que se comenta algo que algumas pessoas não podem escutar, mas isso não quer dizer que se fale mal de alguém, mas sim a troca de particularidades entre os colegas de trabalho.

Will, como seus colegas, é homossexual assumido, casado com uma pessoa do mesmo sexo, tem 20 anos, nasceu em Rio Grande e também trabalha no salão de Rubinho como cabeleireiro. Antes da atual função foi ajudante de pedreiro,

³⁵ Entenda-se “casado” como morando juntos, partilhando uma vida em comum, porém sem o reconhecimento legal.

mas menciona preferir a profissão atual por ter espaço para poder expressar suas idéias, seu modo de ser e pelo salário que é bem maior.

No tocante à linguagem cifrada, Will corrobora o que dizem Rubinho e Nico, mencionando que, após assumir-se *gay* e passar freqüentar a “roda” de amizades desse universo, a linguagem cifrada torna-se natural. Também segue a linha dos colegas quando salienta que pode falar coisas boas ou ruins de alguém, mas que o importante é que esse “alguém” não entenda aquilo que está sendo dito.

(c) Metodologia de análise

Para a análise do material de estudo, levou-se em consideração os pressupostos teóricos que norteiam esta pesquisa: estudos sobre o trabalho, estudos sobre identidade e estudos da linguagem. Em relação à primeira perspectiva, destaca-se a importância da linguagem em situação de trabalho (SCHWARTZ, 2007), sendo enfatizada na análise a proposta de Nouroudine (2002). Já a segunda, que se refere às questões identitárias, ressalta-se a mobilidade identitária do sujeito na contemporaneidade (HALL, 2000, 2006; BAUMAN, 2001, 2005). E por fim a teoria dialógica do discurso destaca o caráter dialógico como constitutivo da linguagem, já que todo enunciado está intrinsecamente relacionado a outros enunciados (BAKHTIN, 2003).

O método de análise deste estudo leva em consideração a orientação da “ordem metodológica” sugerida por Bakhtin/Volochinov (2006, p.128), propondo uma reflexão enunciativo-discursiva interdependente entre situação de produção do discurso e circulação dos enunciados, na relação entre trabalho, constituição identitária e linguagem. A análise do material se dá a partir dos fragmentos selecionados das interações maiores, levando em conta os acentos valorativos que constituem a linguagem cifrada e o movimento dialógico instaurado a partir dos quais se observam a relação do locutor com o outro e a coletividade nos discursos que atravessam o seu dizer. Em relação à linguagem em situação de trabalho, a análise propõe uma reflexão destacando o caráter revelador da complexidade do trabalho em três dimensões: linguagem *no* trabalho, *como* trabalho e *sobre* o trabalho proposta por Nouroudine (2002), observando a partir daí características da identidade discursiva dos cabeleireiros em questão. Para tanto, a análise está organizada por “situações”, sendo que em cada situação são analisados “fragmentos” que contêm a linguagem cifrada.

A cada situação enunciativa exposta, será mencionada a data de ocorrência, os sujeitos enunciadores e a atividade que desempenhavam no momento. É pertinente salientar que as situações são apresentadas pelo tamanho do fragmento, do maior para o menor, não obedecendo, portanto, uma ordem cronológica.

3.2 ANÁLISE DO MATERIAL

A seguir são analisadas quatro situações, designadas por A, B, C e D.

SITUAÇÃO A

A situação a seguir foi observada e gravada no dia cinco de agosto de 2008 e ocorreu com a participação de cinco pessoas: dois cabeleireiros homossexuais, aqui designados como Will e Nico, e três manicures, Meri, Prit e Jô. Faz-se necessário mencionar que a interação se dá diretamente entre Will e Nico, que comentam a respeito de um fato ocorrido na noite anterior, porém em alguns momentos as manicures interferem. As trocas linguageiras acontecem enquanto Will depila as sobrancelhas de uma cliente e Nico aguarda a chegada de outra. As manicures estão atendendo suas clientes e existem mais pessoas no salão, de diferentes idades, que, aparentemente, não interferem nas práticas linguageiras.

A análise do material é efetuada em dois momentos, quando são observados fragmentos (A e B) de uma interação mais ampla de modo a se discutir pela materialidade verbal e não-verbal como os sujeitos enunciadores – no caso Will e Nico – se constituem na relação com o outro nos discursos que atravessam o seu dizer. Nesta direção, pretende-se refletir acerca da tensão entre identidade e alteridade em relação à atividade de trabalho dos cabeleireiros.

Fragmento A

Will: ... vem cá Nico.... conta do baco do ageu que tu aquendo! (risos)

Nico: Não conto da minha vida particular, agora que me dei por conta!

Will: ... conta pra Xuxa ...

Jô: Ô Meri depois eu vou te contar.

Nico: Ah, a Meri não sabe porque não consegui contar pra ela... Ah eu não quero falar!!!

É possível observar, a partir do fragmento selecionado, que os enunciados postos em circulação põem em confronto dois modos de dizer que se

valem do binômio inteligibilidade / não-inteligibilidade na interação social. Enquanto a parte “inteligível” diz respeito ao uso da língua em sua forma cotidiana, a “não-inteligível” traz para a cena uma linguagem cifrada, comumente utilizada por homossexuais e por pessoas que conhecem essa cultura lingüística. Pela integração dos participantes da interação em foco, é possível perceber que os cabeleireiros e as manicures partilham dos diferentes modos de dizer. Para o interlocutor que não tem acesso a essa cultura, no entanto, a parte codificada da interação parece não ser de fácil entendimento. Desse modo, assumindo uma atitude ativa, além de recorrer tanto aos próprios cabeleireiros pesquisados para falar sobre suas trocas linguageiras, foi necessário à pesquisadora consultar o dicionário *Aurélia, a dicionária da língua afiada*, como explicitado anteriormente.

Na passagem em análise, como pode ser observado, o tema da interação é de interesse de Will e Nico e, acrescido a isso, não se limita ao trabalho no salão de beleza. Will, no enunciado “... vem cá Nico... conta do baco do ageu que tu aquendo! (risos)”, aproxima-se discursivamente, de diferentes formas, de Nico e das manicures que conhecem a linguagem cifrada. Enquanto com Nico há uma identificação de prática cultural, inclusive de opção sexual, uma vez que os dois se dizem homossexuais, com as manicures parece haver uma aproximação favorecida pelo ambiente de trabalho, pelos laços do cotidiano. É possível perceber, entretanto, um distanciamento discursivo dos clientes que freqüentam o salão e não conhecem a linguagem cifrada, como é o caso da cliente que Will está atendendo no momento da interação com os colegas.

A circulação de efeitos de sentido provocados pelo enunciado de Will, considerando as diferentes perspectivas dos interlocutores, pode ser observada por acentos valorativos que se impregnam os itens lexicais (“baco”: sexo, transa; “ageu”: homem mais velho; “aquendar”: fazer alguma função, chamar) que remetem a uma experiência sexual vivida por Nico na noite anterior. Essa tensão entre dizer e não dizer, ser entendido e não ser, é ratificada por Nico que, num primeiro momento, pretende não se expor (“Não conto da minha vida particular...” // “... Ah eu não quero falar!!!”). As negações observadas nos enunciados de Nico podem ser entendidas, a partir de Ducrot (1987), como portadoras de atitudes antagônicas, criando efeito de presença de uma outra posição, um outro ponto de vista que corresponde à afirmação. Assim, ao dizer “não conto da minha vida particular”, entra em confronto uma voz que afirma “haver quem conte sobre sua vida particular”; da mesma forma,

ao dizer “eu não quero falar”, emerge um ponto de vista de que “há quem queira falar”. Desse modo, podemos perceber que a identidade de Nico vai se constituindo no discurso não só em relação aos interlocutores que estão presentes no salão de beleza, como Will, Jô e Meri, mas também em relação a outros interlocutores, não determinados, que atravessam o seu dizer, como é o caso dos que com ele entram em discordância, mesmo que momentaneamente.

Nota-se nos enunciados dos cabeleireiros e manicures a adesão a um dado modo de ser e de dizer que não pode ser desconsiderado em relação à atividade de trabalho. Se, por um lado, podemos apreender pistas discursivas de uma identidade cultural híbrida ligada à sexualidade, por outro, temos de considerar que essa identidade, não possuindo fronteiras definidas, vai se constituindo necessariamente na relação de alteridade com outros sujeitos e discursos, como é o caso das interações no salão de beleza. Usar uma linguagem cifrada nas interações com colegas do trabalho não significa que esse modo de dizer seja praticado somente na esfera do trabalho e menos ainda uma exclusividade do salão de beleza. Entretanto, deve-se considerar que não é praticado em toda e qualquer esfera de comunicação, nem com qualquer interlocutor. É preciso que os interlocutores não só tenham um certo conhecimento dessa linguagem codificada para que a interação flua mas também conheçam aspectos da cultura de quem a utiliza.

Embora se saiba que, em muitos ambientes de trabalho, há espaço para a expressão dos trabalhadores, diferentemente do regime taylorista, as interações acontecem obedecendo a certas características das esferas de atividade em que os interlocutores atuam. Desse modo, parece pouco provável que um caminhoneiro, por exemplo, utilizasse essa linguagem cifrada com um colega, pois possivelmente não seria partilhada pelo grupo de profissionais, o que não impede que essas interações possam acontecer. Ainda que não seja exclusividade da cultura *gay*, essa linguagem cifrada específica tem mais chance de circular em ambientes de trabalho livres de preconceitos, descontraídos, não atrelados a estereótipos machistas e conservadores. Entretanto, em um ambiente laboral descontraído, que tenha em seu quadro adeptos dessa cultura, pode não haver trocas languageiras como as aqui discutidas, seja porque a linguagem não é conhecida, seja porque, para alguns, pode ser uma forma de vulgarização das práticas laborais. O que se percebe, a partir dessas observações, é uma permanente tensão entre identidade e alteridade,

revelada pelas práticas discursivas, que no caso em foco está associada à atividade de trabalho no salão de beleza.

A partir da interação do fragmento selecionado, é possível retomar a distinção entre linguagem *como* trabalho (a linguagem que faz), *no* trabalho (linguagem circundante) e *sobre* o trabalho (é a linguagem que interpreta o trabalho) (NOUROUDINE, 2002). No diálogo em questão, é possível, por exemplo na fala do Will, perceber que, ao depilar a sobrancelha da cliente (dimensão não-verbal) faz uso da linguagem *como* trabalho, que é socializada pelos colegas e pelos freqüentadores do salão, e, ao mesmo tempo, da linguagem *no* trabalho. A primeira é focada no seu saber profissional, e a segunda nas suas experiências pessoais. Ainda que o trabalho não dependa do modo de dizer cifrado, os efeitos de sentido que circulam no ambiente profissional refletem e refratam um modo particular de os cabeleireiros interagirem com o outro, deixando fluir suas experiências cotidianas que ultrapassam as paredes do salão de beleza. Desse modo, revelam-se pelas práticas de linguagem pistas da construção de identidades culturais fluidas que se entremeiam na atividade de trabalho.

É provável que os freqüentadores não entendam a conversa dos cabeleireiros e manicures, mas sem dúvida atribuem contradiscursos aos enunciados e, pelos tons valorativos em circulação, apreendem certos efeitos de sentido criados. Ainda que os clientes estejam, de certa forma, “excluídos” da troca verbal devido ao fato de a palavra não ser dirigida a eles, pode-se dizer que são considerados no enunciado justamente por, de certa forma, terem sido preteridos. Há uma ressonância no dizer dos trabalhadores que, mesmo parecendo incluir somente o interlocutor que conhece um jeito de dizer, próprio de uma comunidade discursiva relativamente definida, estabelece relação dialógica com os que não partilham da cultura dessa comunidade.

Fragmento B:

Nico: *Eu aquedei o baco cum ocó ageu... 6.0 aquedei.*

Will: *Quase um total flex!!!! (risos) É querida... pra vê onde vai parar esse mundo!*

Meri: *Ô Nico, quanto o aquenzinho?*

Nico: *Hã!!!*

Will: *5.0 na escala richard!!*

Nico: *Tá loco????*

Prit: *Ele que aquendô não foi aquendado!!!*

Will: *...é ainda saiu um arozinho bem fácil!!!!*

Nico: *Ué guria por uma noite!*

Will: *Mamado!!!*

Nico: *Meia casinha tá de bom tamanho! (risos)... e aí eu*

É possível perceber que o enunciado, como observado no fragmento B, tem no outro a condição de constituição em termos de discurso, de sujeitos e de sentidos. É, portanto, pela alteridade – estabelecida pela permanente relação com o outro (discurso e sujeito – que responde, entra em conflito ou consonância) – que vão surgindo pistas da construção identitária híbrida e dinâmica de Nico e Will. Destaca-se, nessa perspectiva, que Nico, neste momento da interação verbal, resolve falar sobre o acontecido na noite anterior, entrando em consonância com aqueles pontos de vista – efeitos de presença – que aparentemente foram preteridos pelas negações, observadas no fragmento A (“Não conto da minha vida particular...” // “... não quero falar...”).

Além da linguagem cifrada partilhada pelo grupo que detalha o contexto do ocorrido na noite anterior, como “aquendar”: fazer alguma função, chamar, “baco”: sexo, transa, “ocó”: homem, “ageu”: homem mais velho, “aqué ou arozinho”: dinheiro, “meia casinha”: cinqüenta reais, há outros itens lexicais que remetem a outras esferas de atividade, outros discursos, e que podem ser reconhecidos por grande parte do público que frequenta o salão de beleza. É o caso de “total flex”, que pode ser associado aos automóveis cujo combustível pode ser tanto a gasolina como a álcool, o que instaura uma flexibilidade e dinamicidade não só ao automóvel mas também a seus usuários, que podem optar por um ou outro combustível. Essa analogia discursiva, acrescida pelos risos dos interlocutores, dá pistas da experiência vivida por Nico na avaliação de Will.

De forma semelhante, Will faz referência à “escala richard” (“5.0 na escala richard”) que remete à “Escala Richter”, a qual tem a função de medir os abalos sísmicos (terremotos). Na interação em foco, a menção à escala apresenta índices discursivos de que Will sabe que a escala funciona para dar uma dimensão de algo ocorrido. Não se pode dizer, no entanto, que ele tem conhecimento que é uma escala utilizada para avaliar os terremotos, o que seria bem sugestivo para a interação. Pelo tom avaliativo do enunciado com uma força que recai sobre “5.0”, fez-se necessário estabelecer associação com os outros enunciados, para percebermos que a extensão “ponto zero” é utilizada como forma de enfatizar um número cheio. Esse é o caso de Nico usar “6.0” para não dizer “60 (sessenta anos)”, e Will usar “5.0” para não dizer “50 (cinqüenta reais)”. Entre o dito e o não-dito, o

número “5.0” ou “50” é reiterado pela linguagem cifrada “meia casinha” que corresponde a “cinquenta reais”. Ainda é válido observar que o uso da extensão “ponto zero” remete aos motores dos automóveis, como “1.8” e “2.0”, que se engendram em um plano discursivo aliado ao “total flex”.

Na tensão entre identidade e alteridade, não podemos deixar de observar que os diferentes registros lingüísticos utilizados nas interações observadas exercem uma função no desenvolvimento da atividade de trabalho ao materializar o diálogo constitutivo entre o sujeito, a língua e a sociedade (FAÏTA, 2005). A inscrição (inter)subjativa nos enunciados os torna únicos e irrepetíveis, uma vez que é uma situação de enunciação ímpar, em um espaço determinado, com um tempo irrepetível e com interlocutores singulares (ao mesmo tempo que plurais).

Nos enunciados representativos da linguagem *no* trabalho que ultrapassa as fronteiras profissionais, se imbricam diferentes saberes, experiências e valores partilhados por quem convive com um determinado grupo de indivíduos. Tais enunciados dialógicos, em interface com a linguagem *como* trabalho (como fazer as sobancelhas e as unhas), são acentuados valorativamente e se materializam como atitude ativa (social, histórica e ideológica) em frente de um acontecimento do cotidiano. Desse modo, percebe-se nos fragmentos A e B a constituição de um “corpo si” que agrega diferentes dimensões do ser humano, como memória de uma cultura, história, lembranças, forma de se referir ao acontecido, posição do corpo para atender aos clientes, voz etc. O “corpo si” é histórico, o que significa que o indivíduo se forma de muitas identidades dinâmicas, por vezes contraditórias ou não-resolvidas, cuja versatilidade se dá pelas heterogêneas práticas discursivas.

Considerar a identidade em sua pluralidade é observá-la em constante diálogo com o outro (outros discursos e sujeitos) nos discursos que atravessam os dizeres do indivíduo. É nesse sentido que o complexo “eu”, não apagando as contradições, se constitui no discurso por uma diversidade de vozes sociais, posições ideológicas, em uma necessária relação de alteridade. Nesse processo, algumas vozes são reveladas enquanto outras, mesmo preteridas, também ressoam no enunciado, singularizando posições de um sujeito dialógico e plurivocal. É por essa constituição plural que o enunciado só pode ser entendido a partir da interação entre discursos e dizeres históricos sempre em atualização.

SITUAÇÃO B

O fragmento a seguir foi gravado no dia cinco de junho de 2007, e participam da interação dois cabeleireiros homossexuais e uma cliente: Nico, Rubinho e Neide. Rubinho está lavando os cabelos de Neide na sala dos lavatórios (em outro cômodo do salão) e, ao mesmo tempo, conversando a respeito da temperatura da água. Nico chega eufórico, contando um fato que acontecera num outro momento.

Rubinho: Como tá a água Neide? ... tá quentinha?
 Neide: Hum... uma delícia!
 Rubinho: Esse lavatório anda ruim, esfria, ...
 Neide: Tá super bom!
 Rubinho: Guria... tenho que comprar lavatórios novos, urgente!
 (entra Nico)
 Nico: Oh, mona uó [...]! Sabe o oco que aquendo o baco no ilê ontem ...
 Rubinho: Ah!
 Nico: Agora o oco argeu ...
 Rubinho: Sim!
 Nico: Oco aquendo o bate com a Dum e com os quatro ilê na city.
 Rubinho: Ah... (risos) O ilê da Dum, o ilê da Omiu, o ilê da Chuchu, o ilê da Bimbau [...] (risos)
 Neide: O que vocês estão dizendo?
 Nico: Nada... nada... menina...
 Rubinho: Deixa pra lá... ainda tá quentinha Neide?

A partir do fragmento selecionado, observa-se que os cabeleireiros utilizam, em determinados momentos da conversa, uma linguagem partilhada apenas por ambos. Enquanto no início da interação a conversa entre Neide e Rubinho flui naturalmente, mostrando a preocupação do profissional de beleza com o aquecimento da água em que é lavado o cabelo da cliente, no decorrer da interação, o bate papo entre os cabeleireiros (Rubinho e Nico) não só toma um direcionamento diferente como também é ininteligível para Neide (“O que vocês estão dizendo?”). A ruptura do movimento dos enunciados se dá com a entrada de Nico na sala, utilizando uma linguagem cifrada (“Oh, mona uó [...]! Sabe o oco que aquendo no ilê ontem...”), cujos acentos valorativos postos em jogo, como se observa nas escolhas lexicais (“mona”: gay; “uó”: feio; “aquendar”: fazer alguma função, chamar; “ilê”: casa), não deixam de revelar a intenção de não ser compreendido pela cliente, o que se justifica pelo fato de o assunto em pauta girar em torno de uma relação sexual que acontecera entre ele e um homem mais velho na noite anterior.

No desenvolvimento da interação com Nico, Rubinho dá pistas de sua compreensão responsiva ativa através da interjeição “Ah!”, do advérbio de afirmação “Sim!” e do dizer “Ah... (risos) O ilê da Dum, o ilê da Omiu, o ilê da Chuchu, o ilê da Bimbau [...] (risos)”. A partir da análise dos enunciados em circulação, pode-se perceber que a relação instaurada entre os dois cabeleireiros e a cliente revela diferentes efeitos de sentido no que se refere ao trabalho em desenvolvimento e à constituição da identidade homossexual dos profissionais de beleza. Enquanto entre os cabeleireiros é utilizada uma linguagem cifrada, entre eles e a cliente não há qualquer “código” ininteligível de expressão quando Neide tenta inteirar-se do assunto (“Nico: Nada... nada... menina...”; “Rubinho: Deixa pra lá... ainda tá quentinha Neide?”).

Interessante ressaltar que a linguagem cifrada usada pelos cabeleireiros Nico e Rubinho, em determinados momentos, não se limita a denominar ações como “aquendar”, lugares como “ilê” ou nomes comuns como “mona”. Também, em sua constituição, aparecem designações de nomes próprios ou apelidos atribuídos ao núcleo de amizades como “Dum”, “Omiu”, “Chuchu” e “Bimbau”. Apenas no retorno ao salão de beleza após a transcrição das interações, para que os próprios cabeleireiros pesquisados falassem sobre suas trocas languageiras, foi possível saber que “Dum”, “Omiu”, “Chuchu” e “Bimbau” se referem a nomes dados a outros cabeleireiros. Nesse caso o recurso ao dicionário *Aurélia* é insuficiente, pois essas denominações não se restringem à comunidade *gay*, mas sim à situação concreta dos cabeleireiros pesquisados, que têm em comum um conjunto de amigos.

Nota-se que na relação entre linguagem, trabalho e constituição identitária, entremeada à linguagem cifrada, partilhada pelos cabeleireiros, aparecem itens lexicais, comuns no cotidiano, como é o caso de “city” (Nico: “Oco aquendo o bate com a Dum e com os quatro ilê na city”), que, com uma ou outra expressão valorativa, podem ou não auxiliar na compreensão dos enunciados.

No fragmento em foco, ainda que Nico e Rubinho estejam conversando sobre um assunto que não se relaciona com a atividade desenvolvida no salão de beleza, ambos estão em situação de trabalho. É válido observar que a linguagem partilhada pelos cabeleireiros não se restringe ao trabalho no salão de beleza³⁶, já que é um substrato da cultura homossexual brasileira, mas, ao ser utilizada no

³⁶ Está afirmação também partiu dos próprios pesquisados na entrevista realizada.

trabalho, remete ao fato de ter uma importante função no desenvolvimento das atividades. Isso pode ser observado pelo fato de a interação verbal, realizada via enunciado concreto, materializar o diálogo constitutivo “entre o sujeito, língua e sociedade” (FAÏTA, 2005). Chama-se a atenção para o que Jobim e Souza (1994) salientam, a partir de Bakhtin, que o social e o individual caminham juntos, uma vez que, ao descartar um desses elementos, impossibilita-se o estudo e análise da linguagem como ela realmente funciona.

Observa-se ainda nos enunciados proferidos pelos cabeleireiros a adesão a um dado modo de ser e de dizer que não deixa de ser cultivado no trabalho. Essa dimensão remete à linguagem *como* trabalho, *no* trabalho e *sobre* o trabalho (NOUROUDINE, 2002). O cabeleireiro Rubinho faz uso da linguagem *como* trabalho, tanto no nível não-verbal (lavar o cabelo da cliente) quanto verbal (“Como tá a água Neide? ... tá quentinha?”). Nessa modalidade, é focado o saber do profissional, que se observa no desenvolvimento das atividades de cabeleireiro, neste caso lavar o cabelo usando o xampu apropriado e o condicionador certo, além de observar a temperatura da água. No desenvolvimento dos enunciados, é possível perceber características da linguagem *sobre* o trabalho quando o cabeleireiro Rubinho avalia o estado do lavatório (“Esse lavatório anda ruim, esfria, ...”) e posiciona-se sobre a atitude a ser tomada como profissional da beleza: “Guria... tenho que comprar lavatórios novos, urgente!”.

Com a entrada de Nico na interação, o diálogo, representando a linguagem *no* trabalho, volta-se para as experiências pessoais do cabeleireiro, que, na relação com o outro, o formam como sujeito e o identificam. Nico, mesmo não desenvolvendo nenhuma atividade relativa ao trabalho no momento, está no seu ambiente laboral e partilha suas vivências particulares e íntimas com um colega. Tais nuances no desenvolvimento das práticas languageiras e do trabalho no salão de beleza podem ser observadas como representativas da descontinuidade entre o período taylorista e o período atual, especialmente os profissionais de beleza que, não sendo meros executores de tarefas, desenvolvem suas atividades em meio a interações com interlocutores diversos. Sendo a linguagem valorizada no ambiente de trabalho, pode se tornar comum o partilhamento de experiências (profissionais, pessoais etc.) entre colegas de ofício.

No caso em foco, ainda que o trabalho não dependa do modo de dizer dos homossexuais, os efeitos de sentido que circulam no ambiente profissional

reflete e refrata um modo singular de interagir com o outro (colegas, clientes, coletivo e profissão), deixando fluir experiências cotidianas dos cabeleireiros e a construção discursiva da identidade homossexual que ultrapassam o salão de beleza, mas não deixam de se relacionar com ele. Isso pode ser observado pelos torneios da interação verbal que, imbricando a linguagem *como* trabalho, *sobre* o trabalho e *no* trabalho, retorna ao final à linguagem *como* trabalho, revelando os saberes profissionais e a preocupação de Rubinho com o bem-estar da cliente (“... ainda tá quentinha Neide?”).

SITUAÇÃO C

A interação a seguir foi gravada no dia seis de junho de 2007 e os profissionais envolvidos são Rubinho e Nico. O salão tem aproximadamente seis clientes; Rubinho está escovando uma cliente, Nico cortando os cabelos de um rapaz e quatro pessoas estão aguardando atendimento. Ao fundo está tocando o DVD de Ivete Sangalo, e o clima está amistoso e descontraído entre os cabeleireiros que trocam idéias a respeito do tempo. Neste contexto entra uma moça (“amapoa”), passa pelas bancadas onde os cabeleireiros estão executando suas tarefas e vai direto ao lavatório; nesse momento, num tom de voz calmo e com olhar de admiração para os cabelos (“picumã”) da moça e sem parar de escovar sua cliente, Rubinho faz um comentário cifrado com Nico:

Nico: Tu viu Rubinho como tá o tempo?

Rubinho: Acho que vai cair uma chuva ... tá muito calor pra essa época!

Nico: Tomara que não chova...

Rubinho: Olha a amapoa do picumã de EQ odara!!!!

Nico: Um luxo!

É importante observar que nesse diálogo entre os cabeleireiros, outras pessoas, clientes do salão, presenciam os comentários. Rubinho faz o comentário, usando a linguagem cifrada com Nico sobre o cabelo da moça que chegou ao salão. É provável que os clientes, até mesmo aqueles que estão sendo atendidos naquele momento, não entendam o que os cabeleireiros comentam quando usam a linguagem cifrada, mas pode-se dizer que os clientes também são considerados parte do enunciado ao serem “excluídos” da troca verbal. Há uma projeção no dizer que, se por um lado, inclui somente o interlocutor que conhece um jeito de dizer, próprio de um grupo restrito, os homossexuais, por outro, exclui os não pertencentes a esse grupo.

Entretanto, é possível que o interlocutor excluído da interação possa fazer uma analogia do termo “odara” que, segundo o dicionário Aurélia (2006) e os próprios cabeleireiros, significa bonito, elegante, vivaz, com a letra da música “Odara” (1977), de Caetano Veloso: “Deixa eu dançar / Pro meu corpo ficar *odara* / Minha cara / Minha cuca ficar *odara* / Deixe eu cantar / Que é pro mundo ficar *odara*³⁷ / Pra ficar tudo jóia rara [...]”. Corroborando com o dicionário *gay* e os pesquisados quanto à significação do vocábulo, o compositor salienta que conheceu a palavra – *odara* – com o amigo Wali Salomão e que seu valor semântico está explícito na letra da canção: “Claro que já tinha ouvido na voz de Clara Nunes num desses sambas sobre religião negra. Também nos ambientes de candomblé essa palavra é usada [...], “Odara” quer dizer bom - bonito - bacana.”³⁸. Assim, de certa forma, o interlocutor “excluído”, conhecendo a música em foco, pode estabelecer relações dialógicas e depreender pistas daquilo que está sendo dito. Essa compreensão pode ser orientada pelo enunciado que segue, cujo tom valorativo reitera a apreciação feita: “um luxo!”.

Trazendo as dimensões da linguagem *como* trabalho, *no* trabalho e *sobre* o trabalho, pode-se entender que o cabeleireiro Rubinho faz uso da linguagem *como* trabalho, em sua modalidade não-verbal, ao escovar o cabelo de uma cliente, e da linguagem *no* trabalho, na forma verbal, ao se comunicar com o colega. Nico ocupa uma posição de interlocutor de Rubinho; portanto, partilha dos conhecimentos necessários (linguagem *no* trabalho) para interagir com Rubinho. Ao mesmo tempo, Nico faz uso não-verbal da linguagem *como* trabalho, ao efetuar o corte de cabelo de um cliente. Assim, observa-se que ambos os cabeleireiros desenvolvem suas atividades utilizando dimensões interdependentes de linguagem na relação com o trabalho que fazem circular diferentes experiências, desde as mais pontuais, como lavar e cortar cabelo, até as mais amplas, pertencentes a outros domínios de atividade, como o conhecimento de expressões próprias de um dado grupo social, que extrapola o cotidiano profissional sem dele se dissociar. São saberes diversos que se articulam em prol da prática laboral, criando efeitos de singularidade e revelando construções de identidades heterogêneas.

³⁷ Grifos meus.

³⁸ “Acaba a excursão de Doces Bárbaros”, Caetano Veloso - Jornal do Brasil 07/1977. Disponível em: <<http://www.caetanoveloso.com.br>> Acesso em: 20 mai. 2009.

SITUAÇÃO D

A transcrição que segue se refere à interação gravada dia 21 de dezembro de 2008 e tem como sujeitos enunciadoreos os profissionais Rubinho, Nico e Prit. O salão está lotado, algumas das clientes aguardam em pé, pois todos os profissionais estão exercendo suas tarefas e as poltronas para espera estão ocupadas. Há um burburinho significativo no local acompanhado do som vindo da televisão, mas ainda assim percebe-se a concentração dos profissionais no desempenho de suas atividades. Rubinho está cortando os cabelos de um jovem e Nico e Prit, que estão na bancada ao lado, atendem simultaneamente uma senhora – D. Gilda. Enquanto Prit cuida das unhas das mãos da cliente, Nico faz uma escova progressiva e comenta com os colegas discretamente a respeito de sua cliente:

Nico: Gente, cruces! O picu da amapoa acá tá gongado!!!! Coisa da Chuchu!

Prit: A Nico gosta duma trança!!

Rubinho: Ah querida... não sabe escolher a cadeira certa!

Nico: Vou fazer milagres na mona !!!!

Prit: D. Gilda que corzinha a senhora quer hoje?

Gilda: Hum... acho que um bem clarinho, né...

O fragmento da Situação D mostra a interação dialógica entre três trabalhadores – Rubinho, Nico e Prit – e o assunto em questão é próprio da instância profissional, ou seja, delimita-se ao trabalho no salão de beleza. Pela cumplicidade dos participantes da interação em foco, nota-se que os dois cabeleireiros e a manicure compartilham dos diferentes modos de dizer. Já para a cliente, que parece não ter acesso à linguagem cifrada, o entendimento parece não acontecer, pois não se observa nenhum comentário a respeito da avaliação do cabeleireiro quanto ao estado danificado de seu cabelo: “Gente, cruces! O picu da amapoa acá tá gongado!!!! Coisa da Chuchu!”. Desse modo, é possível perceber a existência de um distanciamento discursivo entre a cliente que está sendo atendida, e também daqueles que freqüentam o salão e não têm conhecimento a respeito da linguagem cifrada, e os profissionais do salão que interagem utilizando recursos cifrados.

Em todos os fragmentos da análise é recorrente a imbricação da linguagem cifrada à linguagem cotidiana. Nesse movimento de enunciados, diversos itens lexicais são acentuados valorativos de modo a permitirem o estabelecimento de relações dialógicas diversas, que remetem a outras atividades, outros dizeres,

outros saberes, podendo ou não serem reconhecidos por aqueles que freqüentam o salão de beleza. É o exemplo do vocábulo “milagres”, em “Vou fazer milagres na mona!!!”, que pode ser associado ao discurso religioso. Segundo Pr. Esequias Soares³⁹, “Os milagres são acontecimentos extraordinários que têm como principal objetivo glorificar o nome de Deus, e mostrar a sua soberania sobre todas as esferas da criação.”. Nesse caso, é possível, estabelecendo diálogo com o discurso religioso, compreender que o cabelo da cliente está tão danificado que somente milagre poderá “salvá-lo”. Se, por um lado, o milagre pode acontecer, por outro, quem vai se responsabilizar por ele é o cabeleireiro. Tal construção discursiva permite observar ainda que o profissional não só exclui a cliente da interação, como também critica o estado do seu cabelo sem falar isso diretamente a ela, mas sim a seus colegas, o que mostra um movimento de distanciamento da cliente e de aproximação aos colegas.

No desenvolvimento dos enunciados, percebe-se a recorrência do item lexical “picumã” (de origem tupi), cabelo, que aparece no fragmento em foco na forma reduzida “picu”. Esse processo, fenômeno comum na língua portuguesa e que as gramáticas tradicionais pouco abordam, revela que no uso da língua, em sua prática concreta, certas palavras são reduzidas, abreviadas, empregando-se uma parte da palavra pelo todo, o que facilita uma interação mais rápida e a identificação com determinados indivíduos e/ou grupos. No caso em foco, se “picumã” já é um vocábulo utilizado por determinados indivíduos, a forma reduzida “picu” parece restringir ainda mais a sua utilização, o que distancia ainda mais a cliente dos profissionais na interação analisada.

É interessante observar ainda, no movimento enunciativo, a forma como a manicure Prit refere-se ao colega Nico quando diz: “A Nico gosta duma trança!!!”. A utilização do artigo feminino definido “a”, que na norma culta da Língua Portuguesa deveria concordar com o substantivo em gênero e número, dá pistas de como a manicure se relaciona com o cabeleireiro e como reconhece sua opção sexual. Por essa pista discursiva, é possível perceber a posição ideológica da manicure. Nota-se ainda que Nico, ao não protestar com o modo de a colega se referir a ele, deixa marcas da construção de sua subjetividade, não escondendo a sua sexualidade perante o contexto social de trabalho.

³⁹ Disponível em: <<http://www.apazdosenhora.org.br/prof/licao10-jc-osmilagresdejesus.htm>> Acesso em: 20 mai. 2009.

Quanto à observação da linguagem como dispositivo revelador da complexidade do trabalho (linguagem *como* trabalho, *no* trabalho e *sobre* trabalho), é possível perceber, partindo da fala de Nico que, ao fazer uma escova progressiva na cliente (dimensão não-verbal) usa a linguagem *como* trabalho, que é partilhada com seus colegas e até certo ponto pelos clientes do salão. A primeira direciona-se para o saber profissional adquirido por Nico, já a segunda nas suas experiências pessoais. Quando o cabeleireiro comenta sobre o cabelo (“picu”) de sua cliente que está maltratado, estragado (“gongado”), neste momento nota-se que o cabeleireiro faz uso da terceira dimensão a linguagem *sobre* o trabalho, pois o profissional avalia, a partir da aparência do cabelo da cliente, a situação em que as madeixas se encontram. Desse modo, mostra a sua potencialidade em recuperar o cabelo, fazendo “uso de si” para resolver o que foi feito de “errado” pelo profissional denominado “Chuchu”. Logo, tendo em vista sua experiência como profissional da beleza, Nico cria maneiras de singularizar sua atividade, procurando resolver os “problemas” da cliente.

A partir das práticas discursivas observadas na situação A, B, C e D foi possível resgatar características da atividade profissional dos cabeleireiros, homossexuais masculinos, e da constituição discursiva de suas identidades. Essa investigação, primando pela observação do enunciado concreto, cujo princípio dialógico (BAKHTIN, 2003) institui uma constante inter-relação com discursos outros, permite observar enunciados a partir da esfera de atividade em que são produzidos e circulam. Ainda que parte dos enunciados destacados dos cabeleireiros seja marcada por características de uma esfera de comunicação própria de um grupo de homossexuais, ao ser pronunciada na esfera em que estão exercendo a atividade de cabeleireiro, adquire efeitos de sentido imbricados por experiências diversas, tanto pessoais quanto profissionais.

REFLEXÕES FINAIS

Este estudo desenvolveu-se com o objetivo geral de analisar práticas discursivas de trabalhadores de um salão beleza, observando características da construção de identidades homossexuais e de seu trabalho. Já os objetivos específicos foram (i) verificar a interação entre trabalhadores heterossexuais e homossexuais em práticas discursivas do trabalho, (ii) analisar como ocorrem essas práticas discursivas em situação de trabalho de homossexuais masculinos e (iii) apreender aspectos da identidade dos sujeitos homossexuais masculinos nessas situações de trabalho. Para tanto, esta pesquisa foi embasada teoricamente nos estudos do trabalho, na perspectiva cultural da construção identitária e na teoria dialógica.

Os procedimentos metodológicos usados na pesquisa contaram com gravações em áudio resultantes das visitas ao salão de beleza e posterior entrevista para melhor conhecer o perfil dos colaboradores. O material gravado foi coletado nos meses de junho e julho de 2007 e agosto e dezembro de 2008, num total de quatro visitas. Já a entrevista ocorreu na segunda quinzena de maio de 2009. Assim, selecionaram-se trechos referentes aos dias cinco e seis de junho de 2007 e cinco de agosto e 21 de dezembro de 2008 que contivessem a linguagem cifrada. O retorno ao salão tornou-se necessário para que os participantes do estudo pudessem “decodificar” seus dizeres cifrados, sendo importante também a consulta ao dicionário *Aurélia, a dicionária da língua afiada*.

Para o desenvolvimento da análise, atentou-se para os acentos valorativos que constituem as interações e a dialogicidade que se estabelece a partir da observação da relação do sujeito enunciativo com o outro e a coletividade nos discursos que atravessam o seu dizer. No tocante à linguagem em situação de trabalho, a análise encaminhou uma reflexão destacando o caráter revelador da complexidade do trabalho em três dimensões: linguagem *no* trabalho, *como* trabalho e *sobre* o trabalho proposta por Nouroudine (2002), apreendendo a partir daí características da identidade homossexual e discursiva dos sujeitos em questão. Para tanto, a análise foi organizada por “situações”, e a cada situação foram analisados “fragmentos” que contêm dizeres cifrados.

Quanto aos objetivos desenvolvidos, percebeu-se que, independentemente da orientação sexual, a interação acontece de maneira

espontânea o que, de certa forma, remete à idéia de que a linguagem vai além de um “vocabulário de homossexuais” e permeia aquele tipo de atividade, uma vez que há heterossexuais, quando naquelas condições de trabalho, que naturalmente dela fazem uso. Nota-se, também, que ao tomarem essa atitude estes heterossexuais se sentem incluídos e pertencentes ao ambiente.

Analisando-se como ocorrem essas práticas discursivas dos homossexuais masculinos, observou-se que aquela linguagem cifrada é utilizada tanto nos momentos de atividades pertinentes ao contexto de trabalho como cortar cabelos, lavar, secar, escovar, quanto em conversas informais nas pausas para o descanso e o cafezinho. Esse linguajar utilizado lhes permite, em qualquer daqueles momentos, falar sobre intimidades, por mais picantes que sejam, sem que a clientela identifique ou se ofenda. Muitas das vezes, o conteúdo do diálogo pode envolver uma das clientes ou mesmo fazer um comentário tendencioso de um freqüentador masculino, sem que este o perceba.

No que se refere à apreensão de aspectos da identidade dos sujeitos homossexuais masculinos nessas situações de trabalho, foi possível, a partir da análise dos enunciados selecionados, resgatar pistas da construção dinâmica da identidade dos cabeleireiros homossexuais que trabalham no salão de beleza, bem como características da atividade do seu trabalho. O estudo primou pela observação do enunciado concreto, cujo princípio dialógico institui a constante inter-relação com discursos outros. Os enunciados foram observados considerando a esfera de atividade em que são produzidos e comumente circulam. Percebe-se que, nos enunciados selecionados dos cabeleireiros, se encontram imbricados às práticas languageiras dizeres cifrados que põem em diálogo partes mais ou menos “inteligíveis”. Os dizeres cifrados, reconhecidos da cultura *gay*, ao serem pronunciados pelos cabeleireiros na esfera de prestação de serviço de beleza, proporcionam a circulação de uma diversidade de fios ideológicos de modo a refletir e refratar aspectos das transformações sociais e diferentes efeitos de sentido, que revelam experiências diversas, tanto pessoais quanto profissionais.

Na atividade viva de trabalho, três dimensões da linguagem em relação ao trabalho foram observadas (NOUROUDINE, 2002): a linguagem *como* trabalho, aquela voltada para o fazer, a linguagem *no* trabalho, a que vai além das questões profissionais, e a linguagem *sobre* o trabalho que é a produção de saber sobre a atividade. Tais dimensões são materializadas em práticas verbais e não-verbais, em

que se articulam diferentes saberes: os profissionais e as experiências fora do salão de beleza. Pode-se dizer que os cabeleireiros analisados partilham de diferentes experiências tanto no meio profissional quanto fora dele. Se, por um lado, as práticas languageiras cifradas podem causar curiosidade ou “excluir” de um dado saber quem não as conhece, por outro, podem formar aliados que, querendo ser “diferentes”, podem causar estranhamento e um clima enigmático.

Observou-se, nas interações analisadas, que os dizeres cifrados são também partilhados pelas manicures que trabalham com os cabeleireiros, o que pode suscitar algumas hipóteses sobre a relação identidade / alteridade e prática profissional: o conhecimento do léxico cifrado por parte das manicures revela um ambiente de trabalho integrado que valoriza diferentes interações verbais; as manicures se sentem mais valorizadas por participarem de diversas interações a partir de variados registros lingüísticos; as manicures se aliam aos cabeleireiros para, dinamizando a rotina de trabalho diário, interagir sobre as experiências vividas pelos colegas.

Na prática laboral, os profissionais da beleza sintetizam em sua atividade o debate entre as normas antecedentes e as renormalizações, pois, ao mobilizarem diferentes saberes para lavar, cortar, pintar e escovar, vão singularizando práticas socializadas em experiências pessoais. Cada um tem uma história diferente, que vai se revelando na atividade de trabalho e não exclui outras atividades. Tanto as práticas coletivas como as individuais permeiam o trabalho do cabeleireiro e não podem deixar de mostrar facetas da constituição dialógica do sujeito, seu caráter histórico e heterogêneo, que se concretiza na permanente inter-relação com o outro. Essas observações remetem ao caráter plurivocal e singular do sujeito, em que o outro lhe constitui e, ao mesmo tempo, o torna ímpar, detentor de uma compreensão responsiva única diante dos fatos concretos.

A partir da análise empreendida, destaca-se a relevância da análise da linguagem, em sua constituição dialógica e dinâmica, como lugar de construção de sentidos e de produção de subjetividades. Pode-se perceber pelo atravessamento de outros discursos no dizer dos cabeleireiros a relação de tensão entre identidade – móvel, fragmentada e híbrida – e alteridade – essencial para a inconclusividade dos sentidos. Além disso, foi possível observar na relação de alteridade índices discursivos da construção da subjetividade dos colaboradores do estudo, em diferentes graus de revelação, considerando que a produção do discurso, pelo qual

se constituem como sujeitos, é sempre perpassada pelo outro (sujeitos e discursos passados, presentes e futuros). Sendo assim, tendo em vista a heterogeneidade e dinamicidade constitutiva do sujeito dialógico, da linguagem e da construção dos sentidos, depreenderam-se características da atividade laboral, em sua constituição dinâmica e complexa, visto que se desenvolve a partir de um debate entre os saberes prévios e as reorganizações que necessariamente vão surgindo no decorrer do trabalho vivo. Observaram-se, no decorrer do processo de análise, características do “corpo si”, em Rubinho, Nico e Will, que não esconde como cada um expressa suas emoções e como interage com os colegas e clientes no ambiente de trabalho.

Esta pesquisa se desenvolveu tendo como perspectiva que os cabeleireiros homossexuais usavam a linguagem cifrada entre si como forma de não serem compreendidos por determinadas pessoas. Tal perspectiva se confirmou tanto na análise das interações no salão de beleza quanto nos depoimentos dados nas entrevistas dos cabeleireiros Rubinho, Nico e Will. No entanto, faz-se necessário acrescentar que o uso da linguagem cifrada não se reduz aos cabeleireiros homossexuais. Com a análise, foi possível perceber que as manicures observadas dominavam o “código” e interagiam com os cabeleireiros.

Este estudo não teve o propósito de trazer uma resposta definitiva aos objetivos apresentados, mas sim apresentar uma possibilidade de reflexão que pudesse iluminar interrogações postas em debate. Assim, procurou-se fundamentar a abordagem a partir de alguns conceitos centrais, como atividade humana de trabalho, identidade e dialogismo, provocando o debate sobre a relação entre identidade, alteridade e subjetividade. Espera-se com isso possibilitar a abertura, em instâncias futuras, de novas reflexões dialógicas sobre trabalhadores que se valem de dizeres cifrados, pouco “inteligíveis” para parte dos clientes e colegas, no desenvolvimento da atividade laboral.

BIBLIOGRAFIA

- ALGODOAL, M.J.A.O. *As práticas de linguagem em situação de trabalho de operadores de telemarketing ativo de uma editora*. 2002. 202 f. Tese de Doutorado – PUC, SP, 2002.
- BADINTER, E. *XY; sobre a identidade masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAKHTIN, M. M. (1929). *Problemas da poética de Dostoievski*. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. “O discurso no romance” (1934-1935). In: *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance* [1975]. Trad. Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: Editora da UNESP, Hucitec, 1998.
- _____. *Estética da criação verbal* [1979]. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. Pontes, 2003.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.). (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENTO, B. *O que é transexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BRANDEN, N. *A psicologia do amor romântico*. Rio de Janeiro: Ed. Imago 1982.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAETANO, V.; DI FANTI, M.G.C. Linguagem, trabalho e produção de subjetividade. In VI congresso internacional da ABRALIN. João Pessoa: ABRALIN, 2009.
- COSTA, J.F. *A Inocência e o Vício: Estudos Sobre o Homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- COSTA, R.P. *O amor homossexual: a resolução dos preconceitos*. São Paulo: Gente, 1994.
- CURTI, M.L.A. (2000). Homossexualismo é uma doença? In *Diário de Cuiabá*, edição 9648.
- DI FANTI, M.G.C. Palavra. In: FLORES, V.N., BARBISAN, L.B., FINATTO, M.J.B., TEIXEIRA, M. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- DOVER, K.J. *A homossexualidade na Grécia Antiga*. Trad. Luís Sérgio Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2007.

FAÏTA, D. *Linguagem e trabalho construção de objetos de análise no Brasil e na França*. São Paulo: Cortez, 2002.

FARACO, C.A. *Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Paraná: Criar Edições, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0*. São Paulo: Regis Ltda., 2004.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade 2 - O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

FLORES, V.N., TEIXEIRA, M. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FRY, P., MACRAE, E. *O que é homossexualidade?* 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GLS PLANET. *Renato Aragão promete não fazer mais piadas com gays*. Disponível em: <<http://glsplanet.terra.com.br/cgi-bin/searchnews.cgi?keyword=ggb>> Acesso em: 20 abr. 2008.

GOLDSTEIN, J. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

GREEN, J. N. *Além do carnaval – homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. UNESP: São Paulo, 2000.

GREEN, J. N.; POLITO, R. *Frescos trópicos – fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? In: Silva, T.T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LIBI, F.; VIP, Â. *Aurélia, A dicionária da língua afiada*. São Paulo: Bispa, 2006.

LIMA, D. M. de. *Os homoeróticos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

MEZAN, R. *Tempo de mudança: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.

MOITA LOPES, L. P. (org.). *Discurso de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 2003.

MOTT, Luís. Sobre candomblé e homossexualidade. Entrevista para G Magazine. Disponível em <<http://geocities.yahoo.com.br/luizmottbr/entre6.html>>. Acesso em: 20 abr. 2008.

RODRIGUES, H. *O amor entre iguais*. São Paulo: Mythos, 2004.

SANT'ANNA, V.L.A. (2000). Mercosul em notícias: uma abordagem discursiva do mundo do trabalho. Tese de doutorado. LAEL/PUCSP.

SAUSSURE, F. de. Curso de lingüística geral. Tradução de Antônio Chelini et al. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

SCHWARTZ, Y. *A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes*. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, n.7, jul./dez. 2000.

_____. Entrevista: Yves Schwartz. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 4 n. 2., 2006.

SCHWARTZ, Y.; DURRIVE, L. (org.). *Trabalho & Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Trad. Milton Athayde et al. Niterói: Ed. EdUFF, 2007.

SWAINT, T.N. *Feminismo e lesbianismo: quais os desafios*. Labrys. Estudos Feministas, 1 – 2, julho/dezembro 2002.

SILVA, T. T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TEIXEIRA, M. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005.

ANEXOS

ANEXO A



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Considerando os princípios éticos que orientam as pesquisas que envolvem seres humanos, este documento visa a esclarecer o envolvimento dos participantes no processo investigatório. Com isso, prima-se pela autonomia dos sujeitos na decisão sobre a colaboração na pesquisa *Discurso, trabalho e construção da identidade homossexual: a linguagem cifrada em diálogo*.

O objetivo geral da pesquisa é analisar práticas discursivas de trabalhadores de um salão beleza, observando características da construção de identidades homossexuais e de seu trabalho.

Dentre as etapas a serem desenvolvidas na investigação, destacam-se as gravações em áudio das seguintes etapas: (a) gravação das interações e (b) entrevista individual. Esses materiais serão transcritos e, juntamente com outros materiais, serão analisados sob o ponto de vista teórico.

É garantido aos sujeitos: o esclarecimento sobre diferentes aspectos da pesquisa; a possibilidade de abandono da pesquisa a qualquer momento; o sigilo que garanta a privacidade dos envolvidos na pesquisa.

Sujeito de pesquisa

Veridiana Caetano
Mestranda em Letras - UCPel
Fones: (53) 9971 9172
e-mail: veri@vetorial.net

ANEXO B**ROTEIRO PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS**

- 1) Qual tua idade?
- 2) És casado? Solteiro?
- 3) Onde nasceste?
- 4) Gostas da cidade do Rio Grande? Por quê?
- 5) Qual é tua profissão?
- 6) Por que escolheste essa profissão?
- 7) O que mais gostas de fazer nessa profissão?
- 8) Já trabalhaste noutra ramo? Qual?
- 9) Por que largaste o outro ramo?
- 10) Por que, às vezes, durante o trabalho, usas uma linguagem diferente/cifrada?
- 11) Há quanto tempo usas essa linguagem?
- 12) De onde vem essa linguagem?
- 13) Aprendeste como?
- 14) Fora do ambiente de trabalho usas essa linguagem? Em que situações?
- 15) Qual tua opção sexual?

ANEXO C

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Rubinho – 18 de maio de 2008

Pesquisadora: Qual tua idade?

Rubinho: 30 anos.

Pesquisadora: És casado? Solteiro?

Rubinho: Casado.

Pesquisadora: Onde tu nasceste?

Rubinho: Florianópolis.

Pesquisadora: Tu gostas da cidade do Rio Grande?

Rubinho: Um pouco.

Pesquisadora: Por quê?

Rubinho: Muito monótona.

Pesquisadora: Qual é tua profissão?

Rubinho: Cabeleireiro.

Pesquisadora: Por que tu escolheste essa profissão?

Rubinho: O destino escolheu por mim.

Pesquisadora: O que tu mais gostas de fazer nessa tua profissão de cabeleireiro?

Rubinho: Habilidade? Trabalhar com a parte de alisamentos.

Pesquisadora: Pode ser.

Rubinho: Maquiar, eu gosto de cortar ... eu gosto de transformar. Transformar é a minha habilidade. Tudo que eu consigo transformar numa pessoa tanto homem ou mulher eu gosto. Gosto de transformar.

Pesquisadora: Já trabalhaste noutros ramos?

Rubinho: Sim, já

Pesquisadora: Quais?

Rubinho: Em hotéis, já trabalhei no ramo de cozinha, no ramo de eventos, assim de organizar eventos ..., coisas assim.

Pesquisadora: E por que tu largaste esses outros ramos, por que tu não continuaste nesses outros empregos?

Rubinho: Ah ... porque além do meu trabalho ser artístico, mais artístico ele é mais prazeroso e muito mais lucrativo.

Pesquisadora: E agora como cabeleireiro por que, às vezes, durante o trabalho, usas uma linguagem diferente, uma linguagem cifrada?

Rubinho: Ah essa linguagem ela funciona como se fosse até um tipo de ... hierarquia, um tipo de ... sei lá ... se isso faz parte de um tipo de genética *gay*, sei lá qualquer coisa do tipo porque a gente quando entra num mundo assim, entra nesse círculo, quando tu te assume, assim quando tu sente que tu é aquilo ali, que tu é *gay* porque é uma coisa que vem, vem naturalmente, não é uma coisa que tu escolhe, tu acaba te envolvendo com as pessoas desse meio, mais antigas ou enfim e as pessoas já usam assim inconscientemente esse tipo de linguagem para se ... fazer um meio diferenciado de conversa, de ... né, de falar. Acaba meio que na brincadeira, isso é um assunto meio que na brincadeira, só que ... tu aprende meio que na brincadeira, com o teu dia-a-dia, as vezes até para um deboche, para uma bobagem, uma coisa qualquer ... só que isso é tão funcional no teu dia-a-dia que tu leva a sério porque tu quer falar algum tipo de assunto que alguém não pode ouvir. Tu quer falar uma coisa positiva ou negativa, não quer dizer que é só para o mal e tu acaba lembrando que essa linguagem te facilita porque não é todo mundo que fala e ela acaba indo para o lado homossexual, mais taxativo. Mais quando os simpatizantes, *gays*, lésbicas ou amigos, amigas, casais pessoas que gostam conviver com *gays* por vários motivos eles também adotam, eles aprendem e eles adotam essa linguagem dos *gays* para ... porque é engraçado, divertido e daqui a pouco aquilo vai entrando no teu cotidiano, no teu dia-a-dia e tu vai falando.

Pesquisadora: Então hoje nós não podemos dizer que é uma linguagem apenas dos homossexuais?

Rubinho: A gente pode dizer que é uma linguagem que veio ... hã ... que foi ... criada por nós homossexuais, assim como o português ... aquela coisa do latim, origem.

Pesquisadora: E há quanto tempo tu usas essa linguagem?

Rubinho: Desde os meus 15 anos acho, 15 para 16 anos eu já comecei. Assim ... ó com 12, 13, 14 anos eu ouvia falar, ainda não entendia bem, me dava curiosidade assim como dá em qualquer um. A curiosidade que eu tinha de saber o quê que era isso é como todo mundo que ouve uma palavra diferente. Mas lá pelos meus 16 anos que eu tive mais envolvimento com homossexuais ... envolvimento de amizade, de tudo foi que eu comecei a ter mais interesse, me aprofundi mais na língua digamos assim.

Pesquisadora: E tu sabes de onde vem essa linguagem?

Rubinho: Assim ó, 100% ao certo não, sei uma vaga ... que eu sei que veio no nagô, veio na época dos negros, dos escravos, do nagô dessa época, vem dessa coisa africana, rituais africanos. Eu sei que vem daí.

Pesquisadora: Fora do ambiente de trabalho usas essa linguagem?

Rubinho: Assim ó, eu uso, inconscientemente a gente fala. Assim, por exemplo eu estou no colégio, eu estudo, tô conversando com meus amigos e daqui a pouco eu digo "ai aquenda" e a pessoa não entendeu o que eu falei, não deram bola, mais ... eu falo sem querer. Ah

tipo... ah o equê, a pessoa fala alguma coisa que não é verdade, uma amiga do lado tá falando alguma coisa que eu acho que não é verdade, acho que é mentira e digo “ah equê” é aquela coisa do sem querer, do inconsciente eu falo, mas eu não falo com outra pessoa até porque não tem ninguém que fale também. Às vezes quando a gente pega muita amizade, por isso que eu te digo que ela acaba sendo uma língua generalizada, não é só homossexual em si. Porque se eu conheço alguém e tenho amizade com alguém eu acabo ensinando, uma amiga geralmente amiga, mulher que tem mais afinidade, né? A gente acaba ensinando e a mulher acaba sabendo e então daqui a pouco ela ensina o marido, entendesse? Daqui a pouco ... todo mundo sabe. Tipo eu tenho uma pessoa que trabalha comigo aqui no salão e o filho dela sabe, o filho dela além de saber essa língua, essa linguagem, ele sabe outra linguagem que nem eu sei que é a língua do “i”.

Pesquisadora: E qual tua opção sexual?

Rubinho: Eu sou homossexual, sou gay. Sempre fui gay, sempre gostei de homem. Já fiquei com mulheres. Já beijei até pouco tempo atrás ... beijei ... mas ... foi uma coisa assim ... só por ser. Não tive dúvida do que realmente eu era. Envolvimento mais íntimo sempre foi com homens, nunca com mulheres. Fiz tentativas mas não adianta.

Pesquisadora: Muito obrigada.

Nico – 18 de maio de 2008

Pesquisadora: Qual tua idade?

Nico: 30.

Pesquisadora: És casado? Solteiro?

Nico: Solteiro.

Pesquisadora: Onde tu nasceste?

Nico: Em Rio Grande.

Pesquisadora: Tu gostas da cidade do Rio Grande?

Nico: Gosto.

Pesquisadora: Por quê?

Nico: Porque foi a cidade onde fui criado, onde eu adquiri as coisas e onde eu tenho mais ainda pra adquirir.

Pesquisadora: Qual é tua profissão?

Nico: Eu atualmente sou cabeleireiro.

Pesquisadora: Por que tu escolheste ser cabeleireiro?

Nico: Porque eu gosto de lidar com a área da beleza, deixar as pessoas bonitas.

Pesquisadora: O que tu mais gostas de fazer nessa tua profissão de cabeleireiro?

Nico: Trabalhar com a parte de alisamentos.

Pesquisadora: Já trabalhaste noutra ramo?

Nico: Já

Pesquisadora: Qual?

Nico: Eu trabalhei em farmácia, eu fui gerente de farmácia.

Pesquisadora: E por que tu largaste esse teu outro emprego?

Nico: Porque não era bem o que eu queria ... eu tinha outros planos em vista que ... naquela profissão não... eu não ... conseguia ser quem eu sou realmente ... hoje.

Pesquisadora: Esse *realmente quem eu sou hoje* o que tu queres dizer com isso?

Nico: De ser uma pessoa mais ... hã... aberta ... mais eu mesmo.

Pesquisadora: No teu outro emprego tu não tinhas essa possibilidade?

Nico: Hum... não como hoje. De usar um cabelo mais comprido, uma calça mais apertada, fazer um estilo feminino, nem pensar!

Pesquisadora: Por que, às vezes, durante o trabalho, usas uma linguagem diferente, uma linguagem cifrada?

Nico: Essa linguagem a gente costuma usar quando a gente quer falar alguma coisa que outras pessoas não podem escutar, não dizendo que a gente está falando mal da pessoa, mais alguma particularidade entre nossos colegas de trabalho.

Pesquisadora: E há quanto tempo tu usas essa linguagem?

Nico: Ah essa linguagem desde da ... de que eu me descobri homossexual ... desde os 18/19 anos.

Pesquisadora: E de onde vem essa linguagem tu sabes?

Nico: Olha essa linguagem que eu saiba ela já vem de muito tempo, digamos das mais antigas né ..., dos gays mais antigos. Mais isso é um dialeto ... e muitas vezes um dialeto religioso que tu ouve, tu escuta algumas palavras na parte religiosa designada a umbanda, a parte de nação religiosa.

Pesquisadora: E como tu prendeste?

Nico: Aprendi com os outros ... falando, conversando, dialogando e algumas coisas eu aprendi por ... aprendi tipo ligando uma coisa na outra.

Pesquisadora: Fora do ambiente de trabalho usas essa linguagem?

Nico: Direto... uma coisa que já acostুমou, inclusive em casa, até mesmo com a minha mãe.

Pesquisadora: E tua mãe reconhece essa linguagem? Ela sabe falar?

Nico: Sabe, algumas coisas sim.

Pesquisadora: Em que outras situações tu usas essa linguagem?

Nico: Não... a não ser no trabalho, depois em casa e com família só a mãe mesmo e no meio de amigos só ... que fazem parte, que sabem da linguagem alguma coisa.

Pesquisadora: E qual tua opção sexual?

Nico: Eu sou homossexual, gay, linda e poderosa.

Pesquisadora: Muito obrigada.

Will – 18 de maio de 2008

Pesquisadora: Qual tua idade?

Will: 20.

Pesquisadora: És casado? Solteiro?

Will: Casado.

Pesquisadora: Onde tu nasceste?

Will: Aqui em Rio Grande.

Pesquisadora: Tu gostas da cidade do Rio Grande?

Will: Gosto.

Pesquisadora: Por quê?

Will: Porque é a minha cidade, tenho minha família.

Pesquisadora: Qual é tua profissão?

Will: Cabeleireiro.

Pesquisadora: Por que tu escolheste ser cabeleireiro?

Will: Porque eu tenho jeito com cabelos, sobrancelhas ...

Pesquisadora: O que tu mais gostas de fazer nessa tua profissão de cabeleireiro?

Will: Fazer escova, penteado.

Pesquisadora: Já trabalhaste noutra ramo?

Will: Sim.

Pesquisadora: Qual?

Will: Fui ajudante de pedreiro, em obra.

Pesquisadora: E por que tu largaste esse teu outro emprego?

Will: Ah, porque era um trabalho grosseiro ... há bruto. Como cabeleireiro eu posso falar minhas ... coisas, dizer o que eu penso. Lá a coisa era bem diferente ... E outra coisa, né ... o salário é bem melhor aqui.

Pesquisadora: Por que, às vezes, durante o trabalho, usas uma linguagem diferente, uma linguagem cifrada?

Will: Ah, porque eu digo o que quero e pouquíssima gente entende! Posso falar de bem ou de mal.

Pesquisadora: E há quanto tempo tu usas essa linguagem?

Will: Faz tempo, nem lembro direitinho para te falar a verdade. Desde que me descobri bicha.

Pesquisadora: E de onde vem essa linguagem tu sabes?

Will: Vem das monas mais velhas, a gente aprende assim, mais eu acho que vem da religião afro.

Pesquisadora: E como tu aprendeste?

Will: Com as bichas minhas amigas, no meio *gay* mesmo.

Pesquisadora: Fora do ambiente de trabalho usas essa linguagem?

Will: Uso, nas festas ou com o meu marido, amigos e até algumas clientes aqui do salão, como tu, por exemplo.

Pesquisadora: E qual tua opção sexual?

Will: *Gay*, bicha, mona.

Pesquisadora: Muito obrigada.